

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Do possível. Férias em Sambade

Diogo Moreno



2022

Ao meu tio Pedro e ao meu avô Nuno.

Um agradecimento sincero
à minha família pelas
oportunidades e paciência.

Ao professor António
Neves pelo apoio assíduo e
crítico.

Ao Afonso e ao Pedro pela
fraternidade.

Ao Chico pela
aprendizagem.

Aos outros companheiros
de percurso pelo convívio e
amizade.

E por fim à Soraia por ter
aparecido a tempo.

Abstract

The opportunity and wish to think of my family's vacation home came up. Since it is such a personal theme and I live closely with the regular inhabitants of this house, the process ended up incorporating the family itself, resulting in an informed foundation for the architecture design.

What is this house? What has this house been? Who uses it? How do they inhabit it? In order to find answers for these questions, research was done using several tools: interviews with the occupants, gathering of archive documents (such as photographs, texts and drawings) regular visits to the site and photographic and videographic recording of these stages. This first part corresponds to the first chapter of this dissertation, levantamentos (Surveys).

Following the analysis of these elements with as much depth as possible, the resulting data was organized and shaped into a plan. The drawing portion of the work built certainties by way of questioning what had been thought and researched and, thus, we reached a fair design, sufficient and necessary which responds to the main premise: this is a house which allows for the extension of the vacation moment, yet is still conscious of its particularity and an untroubled continuum. This second part corresponds to the second chapter of this dissertation, organização e desenhos (Organization and Design).

Besides the chapters which aim to make as clear as possible the decisions that informed the project, the dissertation creates breathing moments with the presenting of several photographs, destined to provide the reader with context of the house, its inhabitants and the moments it allows for.

Resumo

Surgiu a oportunidade e a vontade de pensar na casa de férias da minha família. Por ser um tema muito próximo e por conviver diariamente com os habitantes regulares da casa, parte das decisões de projeto passaram por incorporar no processo a própria família, que forneceu a base para um desenho, acima de tudo, informado.

O que é esta casa? O que foi esta casa? Quem a habita? Como a habita? Para dar resposta a estas perguntas, foram realizadas uma série de pesquisas recorrendo-se a várias ferramentas: entrevistas aos habitantes, recolha de arquivo (fotografias, textos, desenhos), visitas regulares ao sítio e registos foto/videográficos das mesmas. Esta primeira parte corresponde ao primeiro capítulo, *levantamentos*.

Após a análise tão profunda quanto possível organizaram-se os dados recolhidos e elaborou-se um plano. O desenho veio dar-lhe certezas ao mesmo tempo que o punha em causa, e assim se chegou a uma forma justa, suficiente e necessária que responde à continuação das férias que se querem prolongadas, tendo sempre a consciência de que este desenho fixa um momento no tempo, e que as férias são um continuum despreocupado. Esta segunda parte corresponde ao segundo capítulo, *Organização e desenho*.

Para além dos capítulos onde se tenta colocar o mais fiel possível as decisões que foram informando o projecto, surgiu a necessidade de no decorrer da leitura criar pausas onde são apresentadas várias fotografias para que o leitor se envolva nas férias, na casa e nos seus habitantes.

Índice

Introdução	1
Levantamentos	2
(Re)conhecimento do território	3
(Re)conhecimento do objecto	9
Ferramentas	11
Cronologia Morfológica	12
Avaliação	21
Objectivo	23
Subjectivo	26
Organização e desenho	36
Programa	36
Intervenção	41
Explicitação do desenho final do projecto	43
Bibliografia	48

Introdução

A proposta para a dissertação surge da ligação que tenho com a casa onde passo férias com a minha família e onde vive a minha avó. A casa localiza-se em Sambade - Trás-os-montes - e actualmente partilho-a com os meus pais, irmã e o meu primo. A minha avó, após o falecimento do meu avô em 2017, passou a ser a única habitante permanente. Este evento levantou questões relacionadas com o futuro da casa que me inquietaram.

Como será o futuro desta casa? O que se pode fazer para o garantir? Foram as primeiras questões relacionadas com a perda e o que esta significou para mim.

Um projecto que vise responder à nova realidade e a um futuro, que apesar de incerto se tenta adivinhar. No decorrer do projecto encontrou-se algumas dificuldades, entre as quais, a proximidade com o objecto - a casa, pois sem dúvida condicionou as primeiras tentativas de desenho, mas a principal deve-se ao facto de este ter sido um projecto que parte da minha iniciativa. Isto é, a ideia começou como uma auto-proposta - o pensar esta casa. Não houve um pedido mas sim, uma vontade própria, que eu, como habitante/arquitecto, antevendo problemas, fui confirmá-los nos outros para poder finalmente propor a forma justa e necessária de os resolver. No fundo quis projectar a continuação das férias. Se por um lado já havia um descontentamento com algumas condições concretas da casa e vontade de as alterar, o que se propõe neste trabalho é, não só alterar essas mesmas condições mas, também pensar a casa no seu todo e projectar essa nova habitabilidade juntamente com o grupo.





























Levantamentos

“Un edificio importante del pasado se modifica debido a una determinada carencia, del tipo que fuere, que a ojos de sus herederos posee, reconociendo al transformarlo su validez primaria en cuanto se mantiene como pie forzado de la acción proyectual. La transformación de una arquitectura anterior aparece así como una operación compositiva altamente condicionada, por un lado, y necesitada de una notable cualificación, por otro. Modificar un monumento provocando su metamorfosis será entender por completo su configuración, apreciar sus valores y diagnosticar sus carencias en el ámbito de una interpretación arquitectónica satisfactoria.”¹

Ao dar início ao projecto, foi necessário ler os dados do problema, e quando não os havia, descobrir mais informações a partir da “leitura” total, da forma como ela existe, de quem a faz. Casa². Foi necessário conhecer, neste caso, reconhecer.

Para tentar mitigar as dificuldades referidas na Introdução, resolveu-se em primeiro lugar criar uma distância e olhar a questão com outros olhos, com os olhos dos outros, para poder perceber efectivamente o que ela é, pois só assim o projecto pode ser resultado de um equilíbrio sábio e difícil, entre a visão pessoal e a circunstância que o envolve, equilíbrio este que só advém de um conhecimento intenso, tão intenso que conhecer e ser se confundem³. Para tal realizou-se uma série de levantamentos de modo a obter uma caracterização possível. O território do qual a casa faz parte, a sua evolução morfológica no tempo, o que ela representa para os seus habitantes e como estes ocupam os seus espaços, evidenciando o que gostam e que problemas encontram, decorrentes dessa mesma ocupação.

No fundo, propõe-se um processo de análise do contexto, de avaliação e consciencialização do programa para, posteriormente, o poder reformular.

1. Capitel, Antón. 2009. Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. 2a edición revisada y ampliada. Madrid: Alianza. p. 13

2. “A casa é o eu de cada um (...) A casa é eu e nós, conforme se queira.” Siza Vieira, Álvaro, e Carlos Campos Morais. 2019. 01 Textos. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. p.244

3. Távora, Fernando. 1962. Da organização do espaço. Porto: Sousa & Almeida. p. 74

(Re)conhecimento do território

A casa localiza-se na freguesia de Sambade, concelho de Alfândega da fé, distrito de Bragança, região de Trás-os-Montes e Alto Douro no Nordeste de Portugal.

Sambade é a maior aldeia do concelho, que pertence à chamada Terra Quente transmontana. Isto é, o distrito de Bragança, devido às grandes amplitudes térmicas é dividido em duas grandes subdivisões regionais, a Norte, a Terra Fria das elevadas altitudes planálticas⁴, e a Sul, a Terra Quente, banhada pelos rios Sabor, Tua e Douro. Sendo o concelho também bastante diverso relativamente ao seu clima, tal como o distrito, divide-se em duas “terras”: a Sul, no encontro com o rio Sabor localiza-se a “terra quente”, esta é marcada por um clima sufocante no Verão com as temperaturas por vezes acima dos 40 graus, mas um Inverno mais ameno. Pelo contrário, na zona Norte, localiza-se a “terra fria” onde o Inverno é bem mais rigoroso, mas o Verão mais arejado.

O concelho de Alfândega da Fé tem cerca de 34,000 km² e é delimitado a Norte, pela Serra de Bornes, a Sul é cortado pelo rio Sabor, a Nascente pelo planalto de Castro Vicente e a Poente pelo vale da Vilariça. De solo bastante variado na sua composição, sendo a sua maioria calcários e xistos, conferindo assim, uma tonalidade escura e avermelhada ao território.

4. Associação, dos Arquitectos Portugueses. 1980. Arquitectura Popular em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses. p. 168



Imagem de satélite do concelho de Alfândega da Fé. É possível distinguir o relevo da Serra de Bornes que o limita a Norte e o traçado do rio Sabor que o circunscreve desde nascente encerrando-o a sul com a barragem inaugurada em 2016 com o mesmo nome.

A aldeia de Sambade está localizada na zona Norte, é ladeada pela encosta da Serra de Bornes, também chamada Serra de Monte Mel, e está a uma altitude de 813 metros acima do nível do mar, o que lhe confere as características mencionadas. “he terra fria, e de muitas neves”⁵ no Inverno, mas no Verão comparando com outras povoações da região é um lugar ameno, exposto a nascente e resguardado dos ventos Norte⁶. Dista cerca de 200 km do Porto, o que corresponde actualmente - devido à construção do túnel do Marão - a apenas duas horas em automóvel. Da capital do distrito e da sede de concelho dista 50 e 9 Km, respectivamente, e está a cerca de 400 km de Lisboa e de Madrid, estando a capital portuguesa, aproximadamente 40 km mais distante. Os acessos directos a Sambade são feitos unicamente via automóvel, quer seja ligeiro ou pesado. Há ainda outros meios (sendo que em todos a viagem tem de ser sempre complementada por um pedaço do trajecto em automóvel). A estação de comboio mais próxima é a do Pocinho, que se encontra a cerca de 45 km. Por essa razão, bem como pelos preços praticados, raramente é utilizada pelos habitantes da região, sendo este trajecto utilizado maioritariamente por turistas. Outrora, a “linha do Tua”, fazia a ligação Tua/Bragança e atravessava o distrito pelo seu interior. Passava, entre outras, por Mirandela, Macedo de Cavaleiros e Grijó, servindo esta para embarque de passageiros mas também de mercadorias e distando apenas 12 km de Sambade⁷. Infelizmente este troço foi desactivado em 1991. Outros meios de transporte para chegar a Sambade são ainda: o barco, desde o Porto subindo o rio Douro até ao Pocinho - sendo que estas viagens são exclusivamente usadas para fins turísticos; e o avião onde o serviço da “linha aérea regional” é assegurado por uma empresa que faz a ligação Portimão, Cascais, Viseu, Vila Real e Bragança, não servindo a maioria da população.

5. Costa, P. Antonio Carvalho da. 1706. Corografia Portuguesa e Descripçam Topográfica. Lisboa. p.459

6. Vilarés, João Baptista. 1926. Monografia do concelho de Alfândega da Fé. Porto: Companhia Portuguesa. p. 223

7. "O comércio desta freguesia faz-se pela estação de Grijó que lhe fica a apenas 12 km de distância..." ibid p. 236



Duas fotografias com quase quarenta anos de distância. A de cima foi tirada em Janeiro de 1967 e ainda retrata os nevões frequentes por essa altura do ano. A de baixo é de Fevereiro de 2006 e foi, até hoje, um dos maiores nevões em Sambade desde o início do século XXI. Na mais recente a neve não ultrapassa praticamente a soleira da porta. Na outra cobre totalmente os bancos da capela, ainda visível no lado direito da fotografia.

<https://www.apambiente.pt/clima>

Ainda assim, as distâncias às maiores cidades portuguesas pareceram outrora maiores⁸. As acessibilidades rodoviárias têm vindo a melhorar, esfumando o isolamento sentido durante décadas de uma região atrás dos montes. A cada viagem é possível observar as transformações na paisagem: marcadas quer pelos equinócios e solstícios ao longo do ano, mas também pelo acumular dos mesmos, pois não há paisagens para sempre.⁹ Sambade é a maior freguesia do concelho e é composta por três aglomerados. A aldeia com o mesmo nome e duas pequenas povoações: Covelas e Vila Nova, estando estas localizadas mais a Norte e distando cerca 2 e 3 km, respectivamente. Foi em tempos cabeça de huma Abbadia do Padroado Real¹⁰ rendendo 900 000 reis - na época era um quantia avultada devido à valorização da moeda¹¹ -, por essa razão, existe ainda uma igreja matriz de tamanho considerável, que se pode sem receio comparar a qualquer das nossas cidades¹², e tem ainda 3 capelas.

8. A viagem de Lisboa a Bragança em 1810 demorava cerca de 4 dias. Em 1950 eram cerca de 12h, e nos finais dos anos 80 eram “nove horas de distância”. Actualmente uma viagem Bragança-Lisboa dura apenas 4 a 5 horas. As ligações ao Porto também foram sendo encurtadas no tempo/distância. Na década de 1960 as viagens penosas que atravessavam várias serras, com curvas e contracurvas demoravam 6 a 8 horas aproximadamente, 30 anos depois a média de horas passava para 4 e desde 2016 com a construção do túnel do Marão, como acima referido esta foi encurtada para metade.

9. Domingues, Álvaro. 2009. "Paisagem e identidade: à Beira de Um Ataque de Nervos". Em *Duas Linhas*. Porto: Circo de ideias. p.21-22

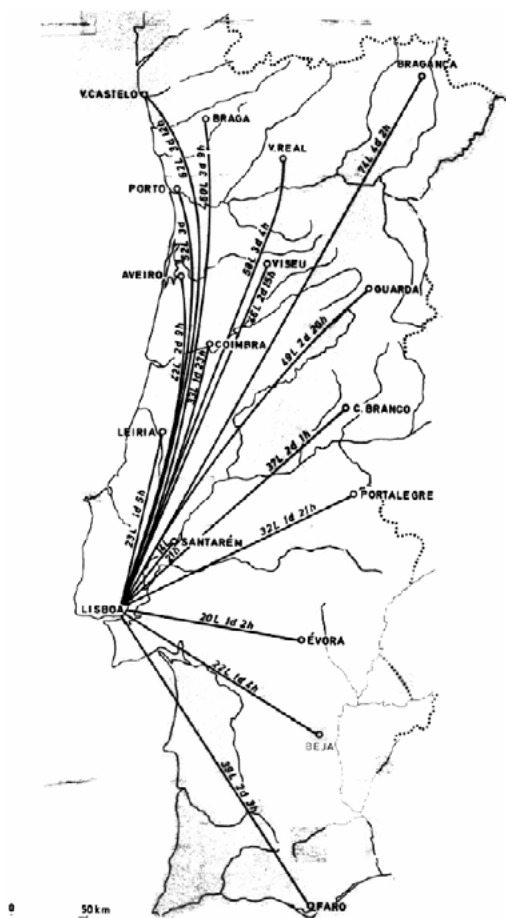
10. Costa, P. Antonio Carvalho da. 1706. *Corografia Portuguesa e Descripçam Topográfica*. Lisboa. p.459

11. Vilares, João Baptista. 1926. *Monografia do concelho de Alfândega da Fé*. Porto: Companhia Portuguesa. p.221

12. Pinho Leal, Augusto. 1878. *Portugal antigo e moderno*. Vol. 8. 12 vols. Lisboa: MattosMoreira & Companhia. p.376

"Tempo em que um correio expresso levaria às capitais de distrito"

1810



Sendo uma aldeia serrana que vivia essencialmente da produção de cereais - especialmente o centeio - e da pastorícia de gado miúdo, como era costume¹³, tinha o seu povoamento concentrado. Era definida por dois bairros localizados num eixo nascente/poente divididos por um ribeiro¹⁴. Hoje este ribeiro ainda existe e fornece água à barragem construída em 2009 mas, foi entretanto encanado para dar lugar à estrada nacional EN 315, prevista no Plano Rodoviário Nacional de 1945, sendo apenas construída na década de 1960.

Actualmente, a aldeia é formada por três bairros principais. O terceiro surge a sul dos dois “primitivos” ao longo da EN. O surgimento deste “Bairro Novo”¹⁵ acontece no princípio da década de 1980 e deve-se ao regresso de habitantes emigrados nas ex-colónias (Angola e Moçambique) e em França que com algumas remessas trazidas constroem as casas nesta parte da aldeia.

Em termos demográficos, Sambade enquadra-se no panorama comum destes territórios. Marcada pelo acelerado despovoamento, tem vindo a perder a sua população. Actualmente conta com 374¹⁶ residentes, sendo que como normalmente acontece, o número de habitantes presentes será inferior.



13. *"A aglomeração parece por um lado relacionar-se com a exploração extensiva de cereais em terras secas e em campos abertos e afolhados, e por outro com a pastorícia de gado miúdo em grande escala"* Oliveira e Galhano 1992, p.310

14. Vilar, João Baptista. 1926. Monografia do concelho de Alfândega da Fé. Porto: Companhia Portuguesa. p.223

15. Actual nome do bairro.

16. Censos 2021 - resultados provisórios
https://censos.inec.pt/xportal/xmain?xlang=pt&xpgid=censos21_dados&xpid=CENSOS21

Imagem de satélite da freguesia de Sambade. É possível identificar o núcleo dos dois bairros concentrados a norte e o terceiro "Bairro Novo" a sul. A sudoeste é possível ainda identificar a barragem



Duas fotografias tiradas no monte dos Catalinos, junto da capela de S. Sebastião. A de cima foi tirada em 1974, a de baixo em 2021. Na primeira é possível observar os campos que ainda cultivavam cereal, os dois bairros, a igreja matriz, e uma paisagem sobre o sul de Portugal (em dias límpidos é possível avistar o cume da Serra da Estrela). Na segunda fotografia o sul distante parece o mesmo mas, surge marcado ao fundo o "Bairro Novo", a igreja não se vê, mas no mesmo alinhamento, surge o brilho da água da barragem. Notar ainda o crescimento do cemitério, localizado no centro esquerdo de ambas as fotografias, com a construção de uma segunda parede mais em baixo.



Fotografia tirada pelo meu avô em Agosto de 1971 na Eira do Lombo. Uma das eiras comunitárias de Sambade. Da esquerda para a direita: trabalhadora não identificada, o meu tio Pedro, o meu pai, a minha avó, e a minha tia Zeza.

(Re)conhecimento do objecto

A casa como um ser-vivo

Após a análise, com algum detalhe, do Território onde se insere a casa, aproximamo-nos e tentamos (re)conhecê-la, elaborando uma avaliação da mesma, que será dividida em três momentos: Um primeiro de localização da casa no tempo, enquadrando-a com a evolução da aldeia e com a história da arquitectura. Num segundo momento, procede-se a uma avaliação objectiva da casa. Isto é, daquilo que é mensurável. Descreve-se a sua implantação tendo em conta o bairro, a sua envolvente próxima (vizinhança), a orientação solar e regista-se os parâmetros físicos dimensionais dos diferentes espaços, bem como a catalogação dos móveis que o organizam. Num terceiro e último momento, avalia-se a casa de um ponto de vista subjectivo, remete-se para o sensível. Regista-se a percepção de conforto dos habitantes e os seus hábitos gerais de utilização dos espaços, anotando as diferenças dos mesmos ao longo do período de um ano.

*Mi vecino
estira su casa como un tejido que se le ajusta.*

*No debería burlarme
si yo mismo vivo inmensamente pegado a mi casa, tanto
que a veces las paredes tienen manchas de mi sangre o mi grasa.*

*Sí, mi casa es biológica. En el aire
hay un latido suave, un pulso que con los años se ha concertado
con el mío.*

*Mi casa es membranosa y viva, pero no es asunto
uterino. Estoy hablando del lugar de mi cuerpo
que he construido, como el pájaro aquel,
con baba
y donde espacio y función intercambian carne.
Afuera soy, como todos, del trabajo y la economía, aquí
de mi cuerpo desnudo
y, a veces, de una mujer
que se aviene a ser, como yo, otro órgano dentro de este
pulposo
tercer
piso.¹⁷*

17. Watanabe, José. 2008.
Poesía completa. Valencia:
Pretextos.



Pormenor Alçado Nascente

Ferramentas

Para proceder a esta análise, fez-se uso de diferentes ferramentas de pesquisa.

O desenho, essencial na análise objectiva, foi utilizado tanto à mão levantada para registar rapidamente a informação medida e apontar pormenores, bem como na transformação dos esboços com medidas, em informação rigorosa que compôs a forma final. Foram também realizadas conversas/entrevistas a todos os habitantes da casa e a alguns elementos que já não a habitam. Estas tiveram um papel fundamental e informador, quer na elaboração da cronologia mas também na avaliação subjectiva. Eram conversas acompanhadas por um guião elaborado de forma simples, de modo a permitir que estas tomassem o seu rumo mas que a informação pretendida fosse recolhida.

Assim, foram divididas em dois momentos: Numa primeira parte, olha-se o passado. Tentou perceber-se o que foi esta casa do ponto de vista morfológico, mas também emocional. Foram relatadas as transformações presenciadas e consequente evolução da casa, bem como algumas vivências que evidenciaram a relação próxima entre habitante-objeto/casa. Num segundo momento, tentou-se perceber qual a relação que estabelecem actualmente com a mesma, o espaço onde passam mais tempo e que uso lhe atribuem, qual a sensação que estes lhes transmitem, bem como que problemas identificam. No decorrer das conversas são ainda interpelados para realizarem um exercício de imaginação - futurar - que tanto responda aos problemas enumerados, mas também aos desejos e expectativas que possam ter na vivência futura da casa.

Paralelamente a estas acções foi ainda feito um levantamento e recolha de arquivo de registos fotográficos, videográficos, de desenho e de alguns documentos escritos que informassem quer as transformações cronológicas ajudando a reavivar as memórias nas conversas, mas também que servissem de confirmação aos levantamentos métricos elaborados. Foi ainda realizado um registo foto/videográfico e escrito, quase mensal, do estado actual da casa e das actividades que lá se desenvolvem ao longo do ano, para desta forma, além de informar a caracterização, poder acrescentar e complementar aos registos já existentes.

Cronologia Morfológica

*"Boito propuso la utilización del carácter insoslayable del cambio como criterio analítico y operativo en favor de la autenticidad histórica. Su consecuente defensa de las actuaciones posteriores en una arquitectura original permitió comprender el valor de las reformas; añadidos no sólo como conservación de la verdadera historia, sino también por su valor propio y como testimonio, en muchos casos, de difíciles problemas no resueltos del edificio mismo."*¹⁸

Este texto pretende lançar um olhar para a casa, ao longo do tempo, acompanhando a sua evolução e as suas transformações morfológicas, tendo em conta que estas resultam, em primeiro lugar, das necessidades, das condições materiais, mas também, da técnica e da estética. Sendo difícil saber com certeza qual a sua verdadeira forma inicial, recua-se o quanto possível no tempo, com base nas fotografias, desenhos e escritos recolhidos, mas também nos testemunhos das entrevistas realizadas, (re)construindo-se, assim, a “imagem” até aos dias de hoje.

18. Capitel, Antón. 2009. Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. 2a edición revisada y ampliada. Madrid: Alianza. p.64



Varanda da sala voltada a nascente. Agosto 1952

A casa original¹⁹ foi adquirida em meados da década de 1920 pelo meu bisavô quando se mudou de Soeima, aldeia vizinha onde nasceu, para Sambade, com o objectivo de instalar a sua oficina de ferrador. Era uma casa com poucas condições, pequena com um telhado de uma única água, organizada em dois pisos e, como era comum nesta região, o rés-do-chão e o andar eram funcionalmente distintos²⁰. Nesta casa, no rés de chão, além de estar a arrecadação, adega e loja do animal, estava localizado um forno e também a forja onde o meu bisavô trabalhava. O andar superior, onde viviam 3 pessoas, era acedido através de uma escada de madeira com poucos degraus que desembocava num espaço amplo. Uma cozinha sem luz natural com uma lareira negra de fumo. Adjacente a este espaço existia um pequeno quarto com uma única janela voltada a nascente. Era uma casa com pouco conforto de apenas duas aberturas, uma porta e uma janela.

À medida que puderam, foram-na melhorando: Substituíram o soalho e alteraram as divisões. A parede do quarto foi demolida de modo a dar alguma luz indirecta para a cozinha, que passou para o lado sudoeste da casa. Adjacente a esta, para norte, foi fechado um pequeno quarto onde praticamente só cabia uma cama. Foi ainda construída uma varanda debruçada para a rua, a nascente, de onde se abria uma porta e uma janela, responsáveis pela iluminação da casa, que ainda assim era insuficiente.

No início da década de 50 a família aumentou. Foi então necessário e possível a aquisição de mais espaço. Foi adquirida a casa adjacente, a sul da “original”. Esta permitiu aumentar o número de quartos (mais três) no primeiro andar, bem como uma segunda varanda, voltada para a mesma rua, a nascente. No rés do chão a área de armazenamento também aumentou.

Posteriormente, com a instalação da luz eléctrica na aldeia, que só aconteceu no princípio dos anos 1960, a ocupação e conforto da casa foi alterada radicalmente, pois até então, esta tinha só dois pontos de luz artificial. A lareira na cozinha e uma só candeia que se usava para as deslocações no interior, deixando as restantes divisões totalmente às escuras. Ora, com a instalação da luz eléctrica, as deslocações bem como a ocupação dos espaços da casa foram radicalmente diferentes. Permitindo maior liberdade mas também condições mais favoráveis para que os habitantes mais novos pudessem estudar.

No princípio da década 1970, é construída a primeira instalação sanitária. Esta transformação é em maior escala pois está enquadrada numa alteração substancial da morfologia da casa e é a primeira de que há registo desenhado na sua construção. Encerrou-se a segunda varanda, permitindo assim acesso pelo interior à nova instalação. Esta foi implantada num espaço que seria um antigo curral.

Além da alteração substancial da morfologia da casa, com o aumento de área interior e a primeira instalação sanitária, outro dado importante é que a construção desta nova parte da casa foi feita pela primeira vez com estrutura em betão armado revestida a tijolo e reboco pintado.

19. Por original entende-se aquela da qual se tem a mínima informação.

20. Oliveira, Ernesto Veiga de, e Fernando Galhano. 1992. *Arquitectura tradicional portuguesa*. 1a ed. Portugal de Perto 24. Lisboa: Dom Quixote. p.313

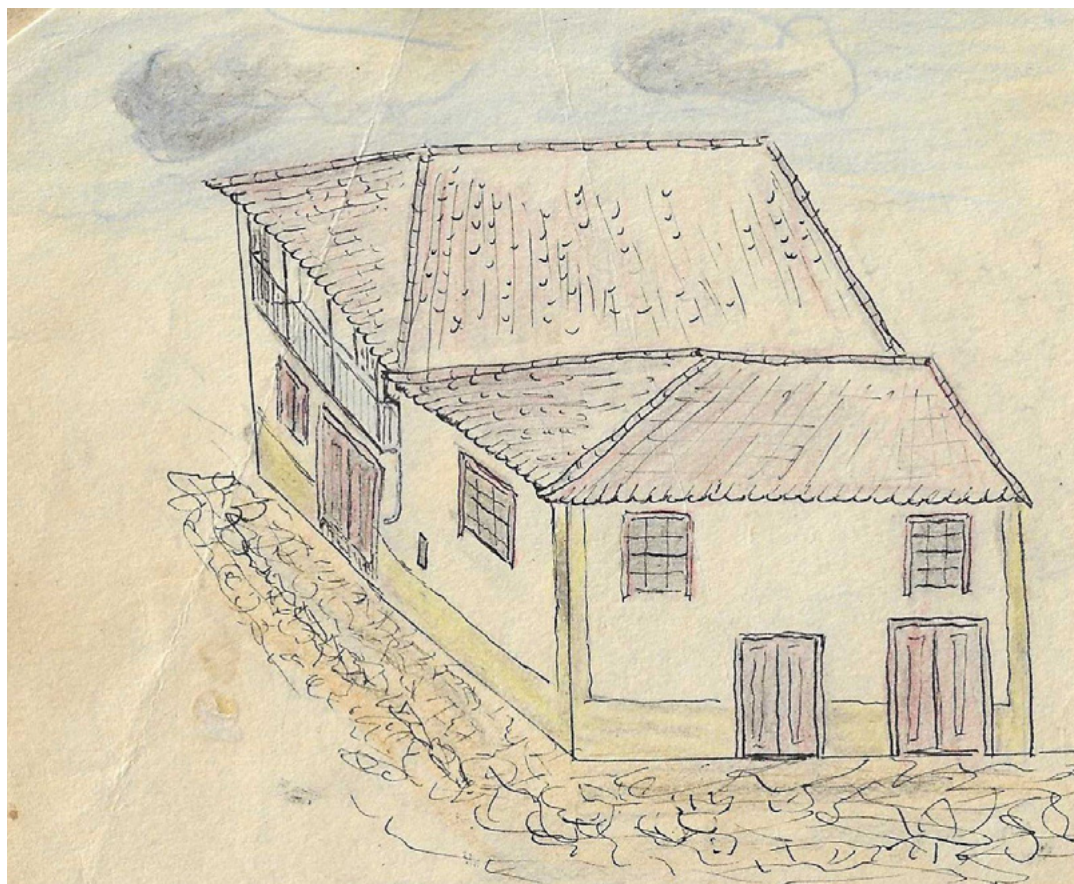
Pouco depois e quase em simultâneo ocorrem dois eventos cruciais na história da casa, um incêndio que destrói o núcleo original - cozinha e quarto - em 1974, e o regresso de vários elementos da família de Angola, em 1975, no denominado processo de descolonização - ponte aérea.

O aumento exponencial do número de ocupantes da casa, cumulativamente com o déficit de área disponível - ardida no incêndio, gerou uma falta de espaço essencial para vida quotidiana, criando a necessidade urgente da reconstrução dos mesmos. Optou-se por erguer um novo edifício a sul do que encerrara anteriormente a varanda, pois seria mais rápido e segura a sua construção nesse local, ao invés de a reabilitar no sítio original. Com apenas um piso, alberga a nova cozinha e um pequeno quintal sendo a sua cobertura aproveitada como terraço. A casa passou então a ser vivida de outra forma. A zona de dia ficara localizada a sul, no rés-do-chão. Esta era ligada através de uma escada, ao núcleo dos três quartos que não arderam no incêndio, bem como à instalação sanitária e ao novo terraço. Uma casa desenrascada que albergava, nesta altura, acima de uma dezena de ocupantes.

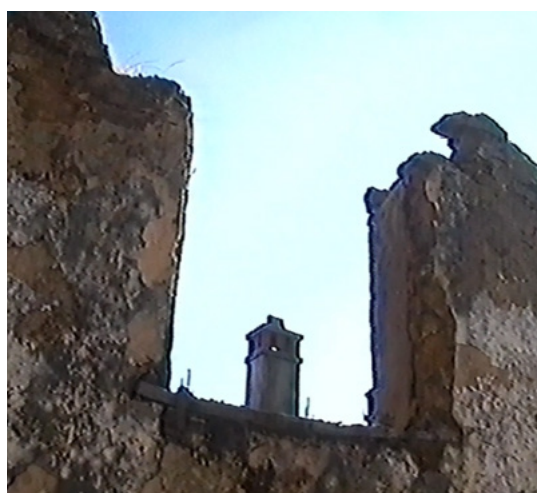
Esta configuração da casa mantém-se por alguns anos, mas o número de habitantes vai diminuindo, até ser usado, diariamente, apenas por uma pessoa, sendo que outras a visitavam com alguma frequência apenas para passar curtas temporadas, nas férias.

No final da década de 1990, princípio do século XXI, com o desejo de alargar essas temporadas - tornando-as praticamente permanentes - urge a necessidade de aumentar as condições de habitabilidade. É elaborado o primeiro projecto de arquitectura para esta casa. Este visa a reabilitação da parte ardida. Infelizmente o resultado final foi ligeiramente diferente do projecto original, devido a problemas e divergências com o empreiteiro na fase de construção. Ainda assim, é possível entender as intenções de projecto. Uma organização interior simples, com uma cozinha transmontana, uma sala de estar adjacente, um quarto que volta a estar voltado a nascente, como na casa “original” e uma nova instalação sanitária, complementando a já existente. No alçado, um volume alto em reboco pintado de branco dá continuidade à linguagem formal e plástica do edifício existente. Este cai sobre um outro com a mesma altura da capela, localizada em frente, conformando assim, proporcionalmente, o Largo. É revestido a pedra xisto com um aparelhamento contemporâneo, aludindo à arquitectura vernacular da região. A parte já construída é também intervencionada. Os três quartos são ligeiramente reparados e é encerrado o acesso vertical que os ligava à antiga cozinha, formando-se assim um novo espaço. Poucos anos depois, em 2005, foi adquirido um anexo a poente da casa onde se construiu um espaço amplo multifuncional.

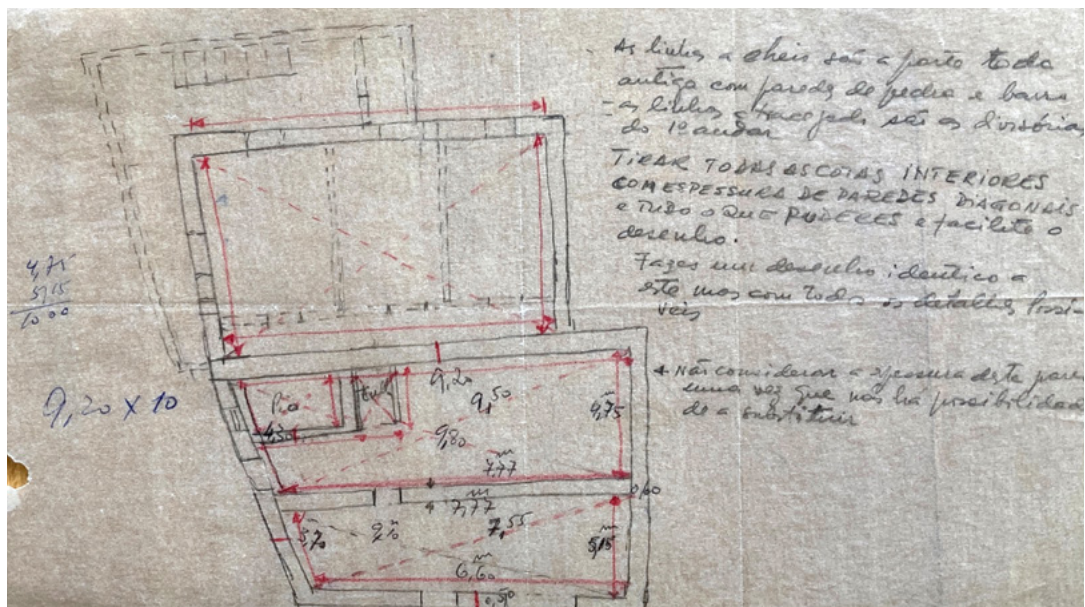
As casas são o reflexo do tempo e a intervenção a fazer, terá de seguir essa mesma lógica. Enquadrada-lá hoje será obrigatório.



Desenho realizado pelo meu avô da casa que posteriormente ardeu. Agosto 1943



Pormenor da casa ardida. Agosto 1999



Desenho de levantamento realizado aquando do projecto para o encerramento da varanda. Cerca de 1971



Desenho de estudo do projecto do encerramento da varanda e primeira instalação sanitária. Planta, alçado, perspectiva e corte. Cerca de 1973



Brincadeiras no rés-do-chão. Agosto 1999



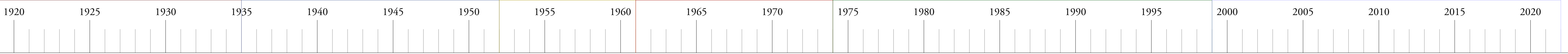
Sobe e desce nas escadas que davam acesso à varanda encerrada. Agosto 1999



Brincadeiras na cozinha
nova em obras.
Agosto 2000



Cozinha a estrear. Agosto
2001



Cronologia Morfológica.
Com base no desenho de levantamento realizado aquando do projecto para o encerramento da varanda, tentou-se elaborar com a precisão possível umas plantas que tentam corresponder à morfologia da casa ao longo do tempo.



O meu avô e a minha irmã
defronte à fachada Norte
em obras. Agosto 2001

Avaliação

Após o enquadramento histórico da evolução morfológica da casa, olhamos agora para o presente, para aquilo que ela é e/ou representa hoje em dia para os seus habitantes. Subdivide-se este momento em duas fases: Avaliação objectiva e Avaliação subjectiva. Num procura-se dar notícia das suas características físicas - luz, materiais, forma, medida e escala - aquilo que é mensurável e quantificável - objectivo - “onde está?”, “quanto mede?” ”pra que serve?” são as questões a que se dá resposta. Noutro, baseado na vivência do autor, nas visitas realizadas mas, essencialmente, nas entrevistas aos habitantes, pretende-se informar quanto ao seu uso e apropriação, as inevitáveis sensações que resultem dessa ação, bem como os problemas identificados.



Pormenor Alçado Norte

Objectivo

Nesse sentido, e para dar continuidade à elaboração do projecto procedeu-se ao levantamento métrico da casa sempre com tanto rigor quanto possível, dando prioridade à compreensão de razões de escala e proporção bem como à execução da análise da sua envolvente directa e orientação solar. Para a atribuição de um programa foram estudados os dados recolhidos nas entrevistas onde os inquiridos responderam e atribuíram as funções que correspondiam a cada divisão da casa.

A casa localiza-se no bairro nascente da aldeia. Trata-se de um tecido urbano composto por cadastros e edificações de dimensão reduzida com a cércea dominante de r/c e andar. Estando encastrada num desses aglomerados de habitações faz confrontação com uma rua e um largo a nascente e norte - respectivamente - e com edificações a sul e a poente.

A casa organiza-se em dois pisos. Pode ser acedida a norte pela porta principal, a nascente por 4 entradas de serviço - uma delas a da garagem - e ainda a poente, pois entre as habitações contíguas há um pequeno quelho para onde está voltada outra porta de serviço. Todos os acessos são feitos à cota do r/c sendo este um piso maioritariamente de apoio tanto à actividade agrícola como ao restante funcionamento da casa

O rés-do-chão é composto por uma garagem ampla com várias funções. Para além de guardar os carros, serve de despensa, garrafeira, de oficina e espaço logístico para preparar e arrumar ferramentas, alfaia agrícola e outros instrumentos usados na agricultura. Esta liga-se a um outro espaço, a adega, que embora tenha características distintas, tal como a garagem, é utilizado no apoio à logística agrícola, mas não só, servindo tanto para a produção e armazenamento do vinho, como para arrumar ferramentas e alfaia utilizadas sazonalmente. Ao mesmo tempo é armazém de compotas e queijos, lavandaria da casa e armazém de objectos de memória. Este espaço está conectado com dois outros. O “forno” e a “sala de baixo”, ambos espaços híbridos. Isto é, espaços que são muito diversificados na sua função. O “forno”, como o próprio nome indica, é o espaço onde está localizado um forno a lenha para confeccionar o pão, diversos assados e folares na Páscoa, mas para além disso é também onde familiares e amigos se juntam no Verão para almoços demorados e como é um local de passagem, numa zona de serviço, acaba por estar frequentemente ocupado com objectos que se vão pousando, criando vários níveis de desarrumação. O outro espaço para onde desemboca a passagem da adega é a “sala de baixo” e este também é um espaço híbrido na sua função. Se tivermos de lhe nomear alguma, a mais provável será, de um espaço de passagem, que liga o forno à cozinha de serviço - também chamada de “cozinha de baixo” - onde se pousam objectos, onde se trata da roupa lavada na adega e onde, extraordinariamente, durante alguns dias de verão é usada como dormitório das visitas mais desenrascadas. O espaço contíguo a este é a tal “cozinha de baixo”. É uma cozinha de serviço, usada em momentos excepcionais, tais como: na confecção e fumeiro de alheiras e demais enchidos, confecção de queijos e compotas, onde se matam os frangos e serve também de apoio aos assados do forno. Da cozinha acede-se a um espaço exterior, parcialmente coberto, por onde também se pode aceder da rua. Tem como função apoiar algumas tarefas domésticas: lavar peças de

maior dimensão, secar roupa, apoiar a cozinha, fazer pequenos churrascos, mas também presta auxílio na realização de tarefas agrícolas, tais como: na preparação de viveiros para a horta, lavagem de ferramentas, entre outras.

A entrada principal é feita pelo Largo Nossa Senhora do Rosário (norte), localizada a meia cota entre o r/c descrito e o andar superior. Este é acedido através de uma escada de tiro localizada adjacente ao hall que desemboca num espaço de recepção/distribuição entre a sala “de estar” e a “cozinha de cima” - cozinha do dia-a-dia. A sala “de estar” é um espaço aberto que se confunde com o hall de recepção/distribuição. Tem uma forma trapezoidal e é dividida, pela distribuição dos móveis, numa zona de convívio e escuta de música e numa zona de refeições muito pouco utilizada, apenas em momentos excepcionais. Esta sala tem como principal função receber visitas - é um espaço de cerimónia²¹. A cozinha está localizada à direita deste espaço de recepção/distribuição, é um espaço rectangular com alguma profundidade. A entrada é feita a meio através de uma porta larga em vidro de correr, permitindo uma relação maior entre a sala “de estar” e possibilita mais uma entrada de luz natural visto só existir uma única janela na fachada norte. Para minimizar o impacto de existência de uma só janela, além da porta de vidro, uma das paredes é revestida quase na totalidade por azulejo branco para que possa reflectir alguma luz e ainda existe uma claraboia no extremo oposto ao da janela.

Este espaço é dividido em três zonas distintas - cozinhar, comer e estar. A primeira fica junto à janela, na fachada Norte, e é definida por duas bancadas, ambas com um tampo em granito. Uma fica do lado da parede de azulejo e contém o lava-loiça, máquina de lavar, a zona de preparação e o fogão, a outra é menos comprida e tem sobre ela diversos eletrodomésticos sendo rematada pelo frigorífico e um armário-despensa. Ambas as bancadas têm armários por baixo, com portas de madeira, onde se guarda a louça e diversos utensílios de cozinha. Por cima da segunda bancada, na parede, uma fila de armários também em madeira guardam a restante louça necessária. A zona de comer situa-se a meio da cozinha e é definida por uma mesa de madeira rectangular extensível que tem a capacidade de acolher, aproximadamente, entre oito a dez pessoas. Finalmente, no extremo oposto ao da bancada fica uma pequena zona de estar conformada por um sofá e um cadeirão que estão defronte para a parede onde está a lareira - usada para aquecimento, mas também para cozinhar - e a televisão, ambos ímans do olhar.

Saindo da cozinha para sala e espaço de recepção da escada, localiza-se uma porta através da qual se acede a um corredor. Este distribui para três espaços: um quarto voltado a nascente, que é ocupado pela minha avó, uma casa-de-banho interior, mas com bastante luz natural devido a uma clarabóia sobre o lavatório, e ainda para a parte antiga da casa composta pelos três quartos, a varanda encerrada, outra casa-de-banho e um terraço.

Abrindo a porta, um corredor distribui para os quartos que são ocupados pela restante família e amigos frequentemente convidados. Têm ambos características idênticas, sendo que dois têm áreas bastante pequenas. Todos são conformados por paredes em estuque, que além da textura agradavelmente rugosa os torna óptimos na acústica. Com um pé-

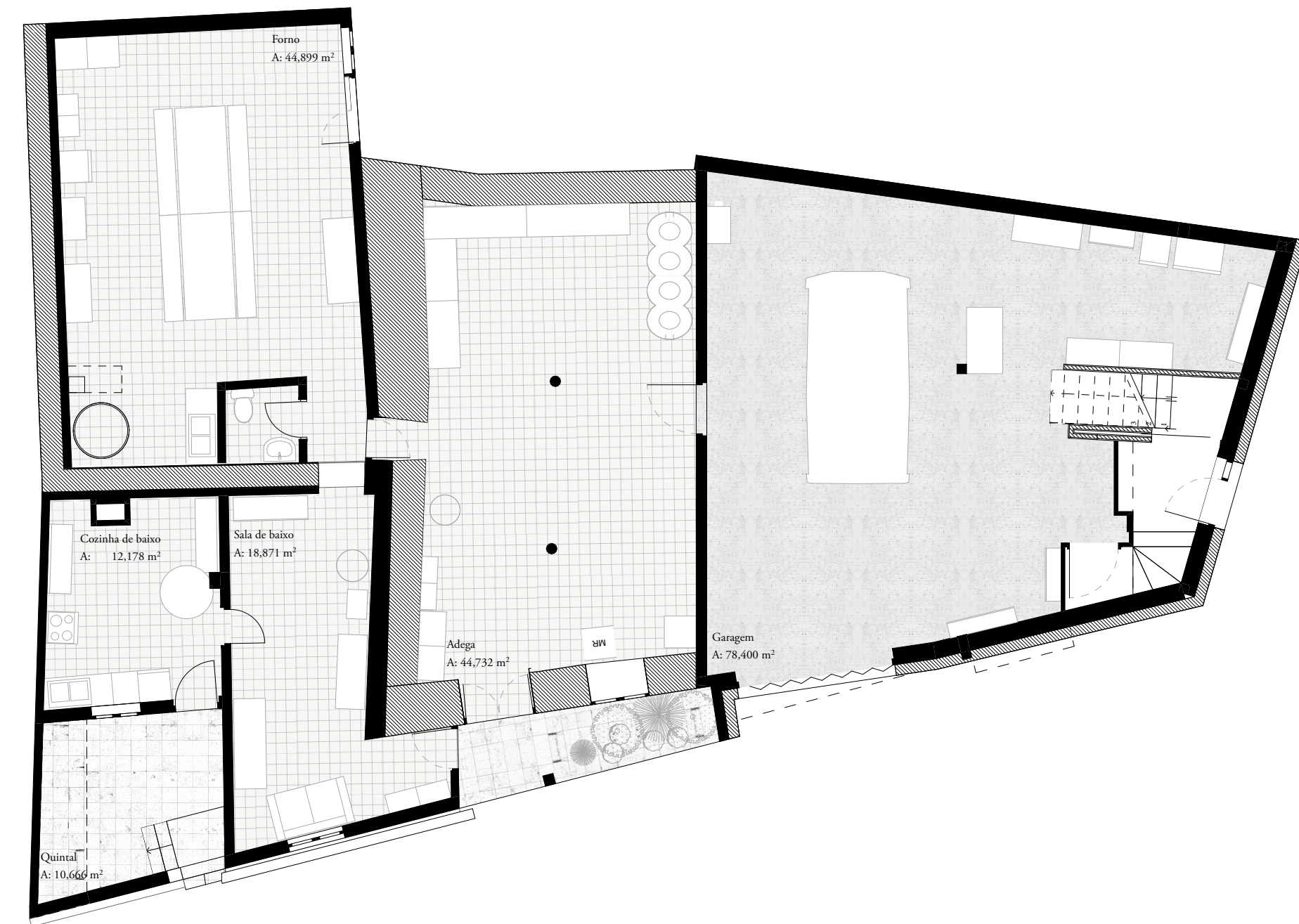
21. “a sala, quando existe, tem também sobretudo natureza cerimonial.” referindo-se às casa nas Beiras, mas como também se referem os autores, estas no seu interior “pouco se distinguem daquelas que descrevemos, próprias das outras regiões nortenhas” Oliveira, Ernesto Veiga de, e Fernando Galhano. 1992. *Arquitectura tradicional portuguesa*. 1a ed. Portugal de Perto 24. Lisboa: Dom Quixote. p. 352

direito baixo (2,15m) e o tecto de madeira de forro pintado a bege creme, além de agradáveis, no inverno quando ligado o sistema de aquecimento, têm a vantagem de aquecer rapidamente - importa aqui esclarecer que todas as divisões do primeiro andar têm radiadores ligados a um sistema central.

Os três quartos têm janelas voltadas para sul, sendo que o maior, quando se encerrou a varanda, ficou com a janela aberta para o interior da casa. Seguindo o corredor que distribui para os quartos em direcção a fachada nascente chega-se à “varanda” encerrada. É o espaço com melhor exposição solar da casa, voltado a nascente e sul. Tal como a sala de baixo e o forno, é um espaço de múltiplas funções. A sua principal é de descansar, sendo este um espaço mais reservado da zona movimentada da casa, confere-lhe alguma intimidade. Por essa razão também já serviu de dormitório. Tem um sofá cama, umas cadeiras e ainda um armário que guarda livros e documentos importantes - o acervo de memória da casa. Ainda funciona no apoio à actividade agrícola, pois sendo um espaço com boa dimensão e luz solar é útil para a secagem de frutos diversos (figos, nozes, amêndoas) e “curar” os queijos confeccionados na “cozinha de baixo”. Em tempos serviu para espectáculos e brincadeiras de criança. Adjacente à “varanda”, está a outra casa banho - com ventilação e luz natural, através de uma pequena janela - e ainda o acesso ao terraço - segundo espaço exterior da casa. Circunscrito pelo telhado vizinho e pela própria casa, está voltado para nascente em comunicação com o quintal que se encontra por baixo.



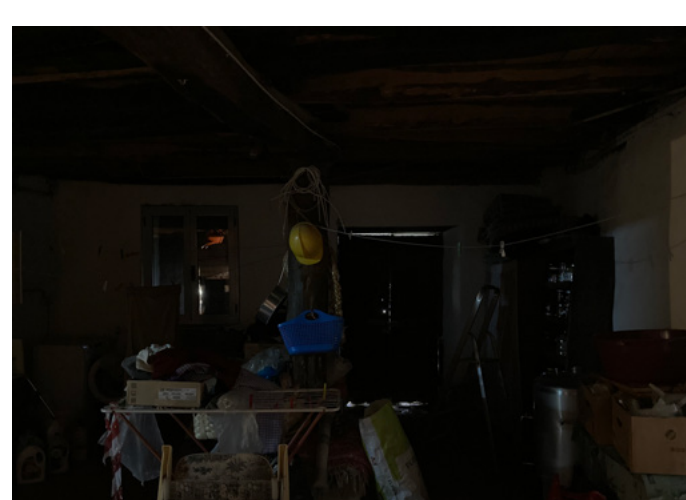
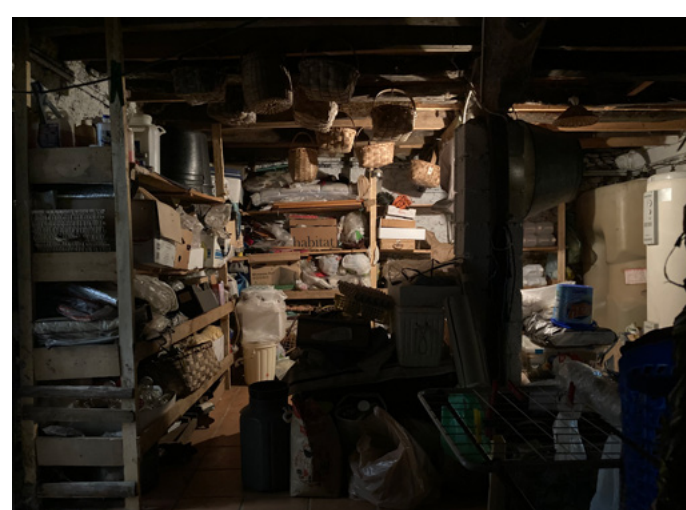
Sequência de fotografias do entorno da casa. Começando do lado Sudeste, dando a volta até a lado Sudoeste. (De cima para baixo da esquerda para a direita)



Planta do
rés-do-chão
escala 1:100



Garagem



Adega



Sala de baixo



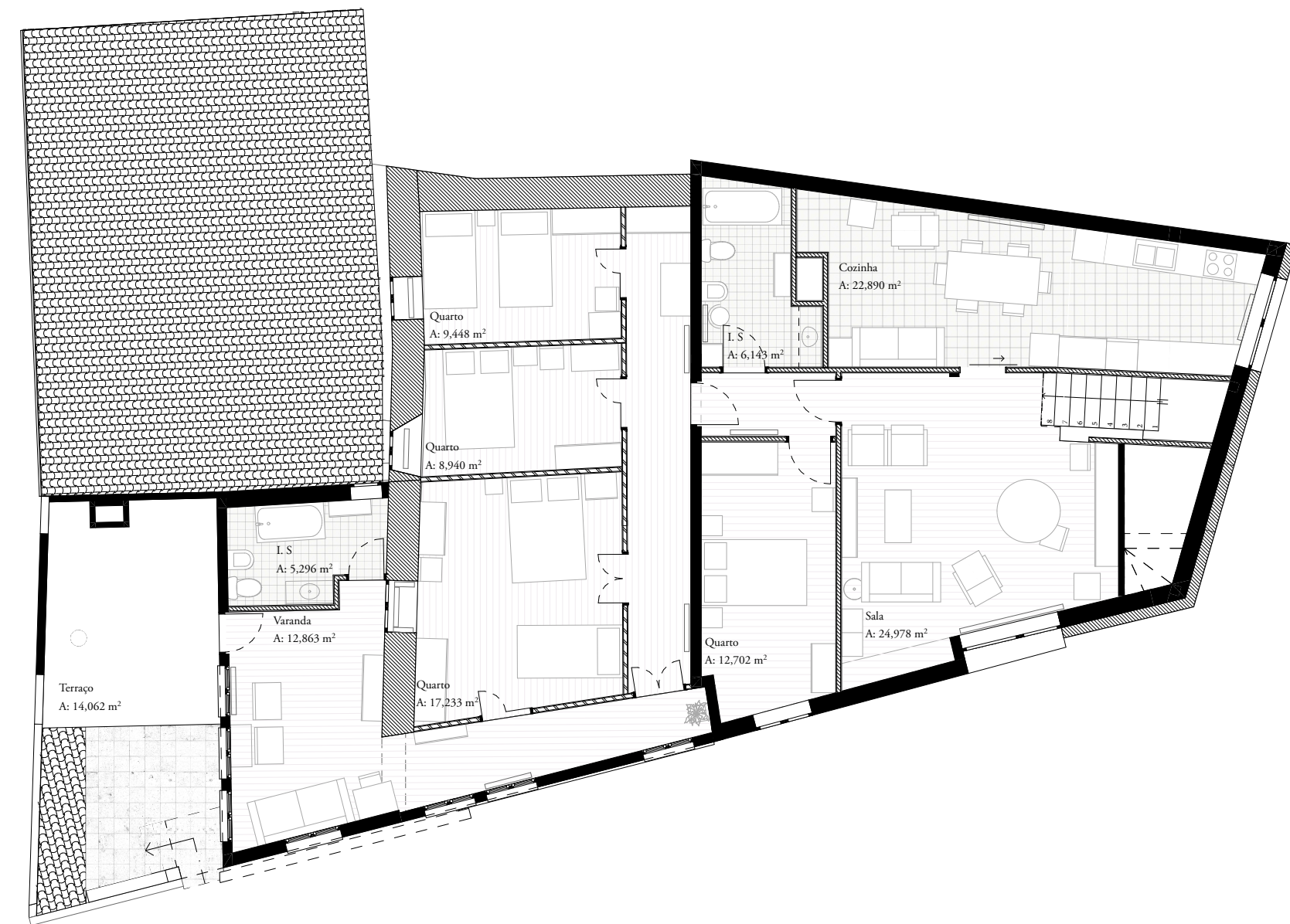
Cozinha de baixo



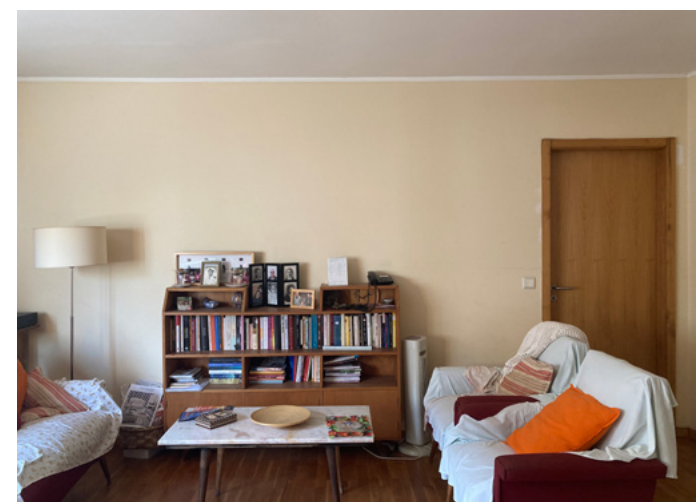
Quintal



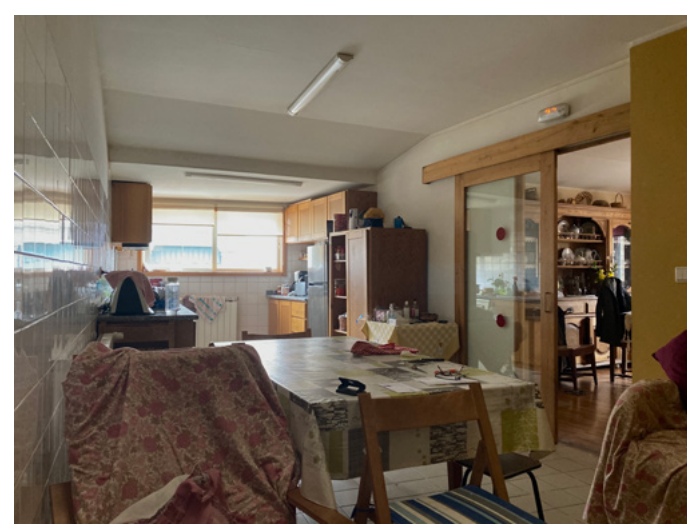
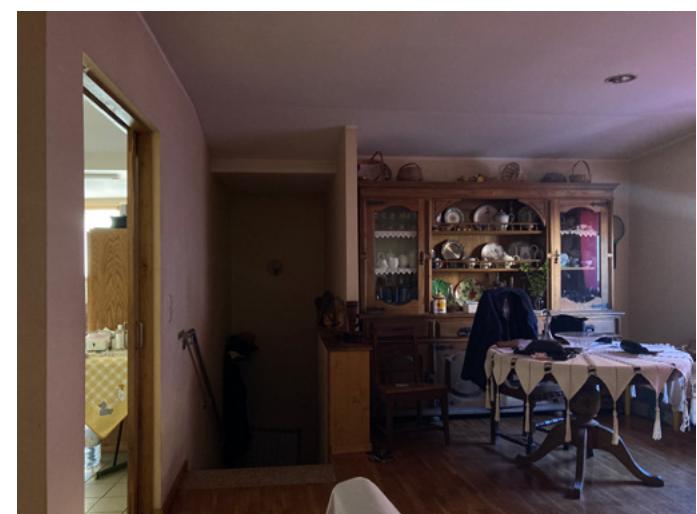
Forno



Planta do primeiro andar
escala 1:100



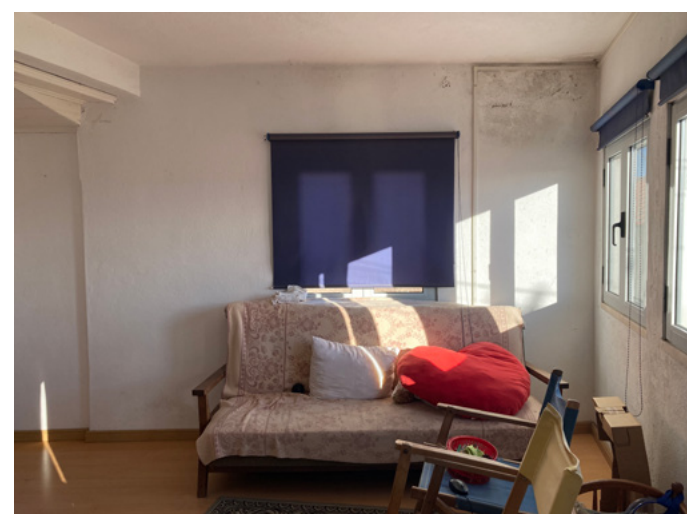
Sala de estar



Cozinha de cima



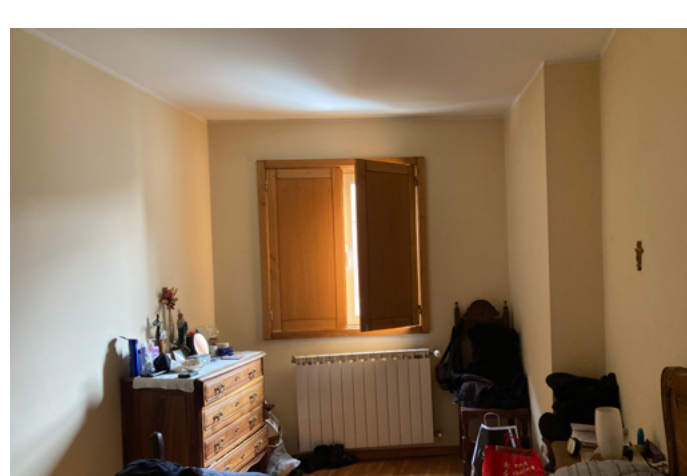
Varanda



Terraço

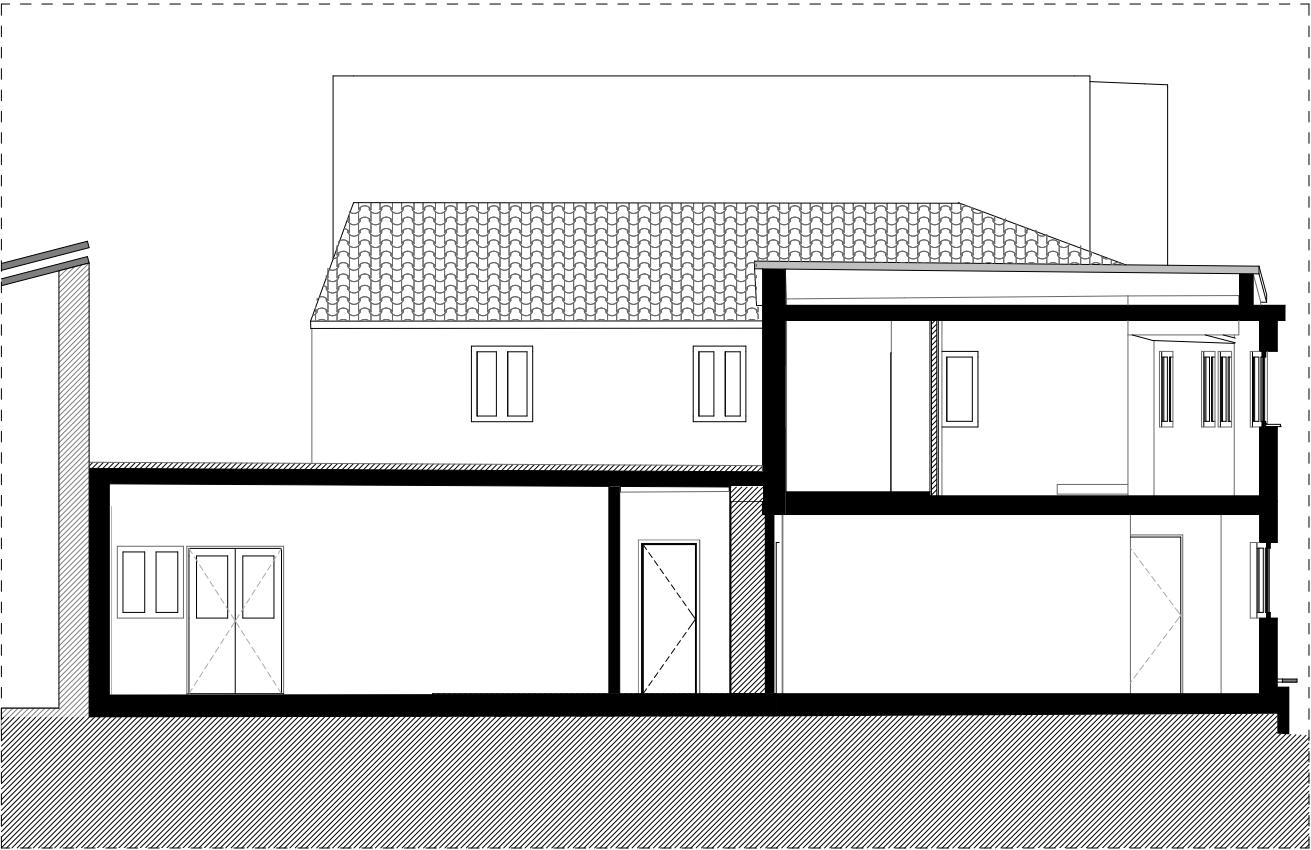


Quartos

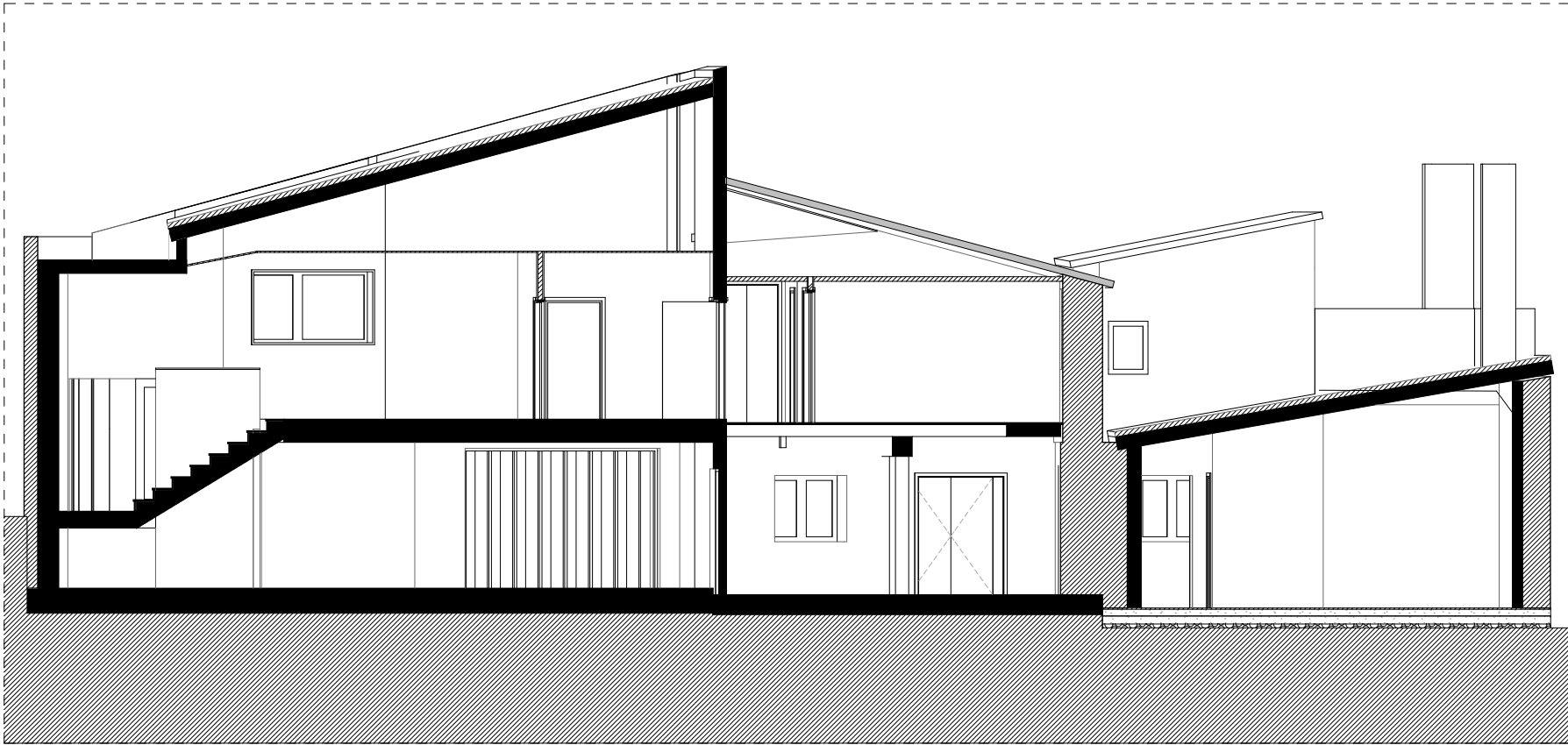


Instalações sanitárias

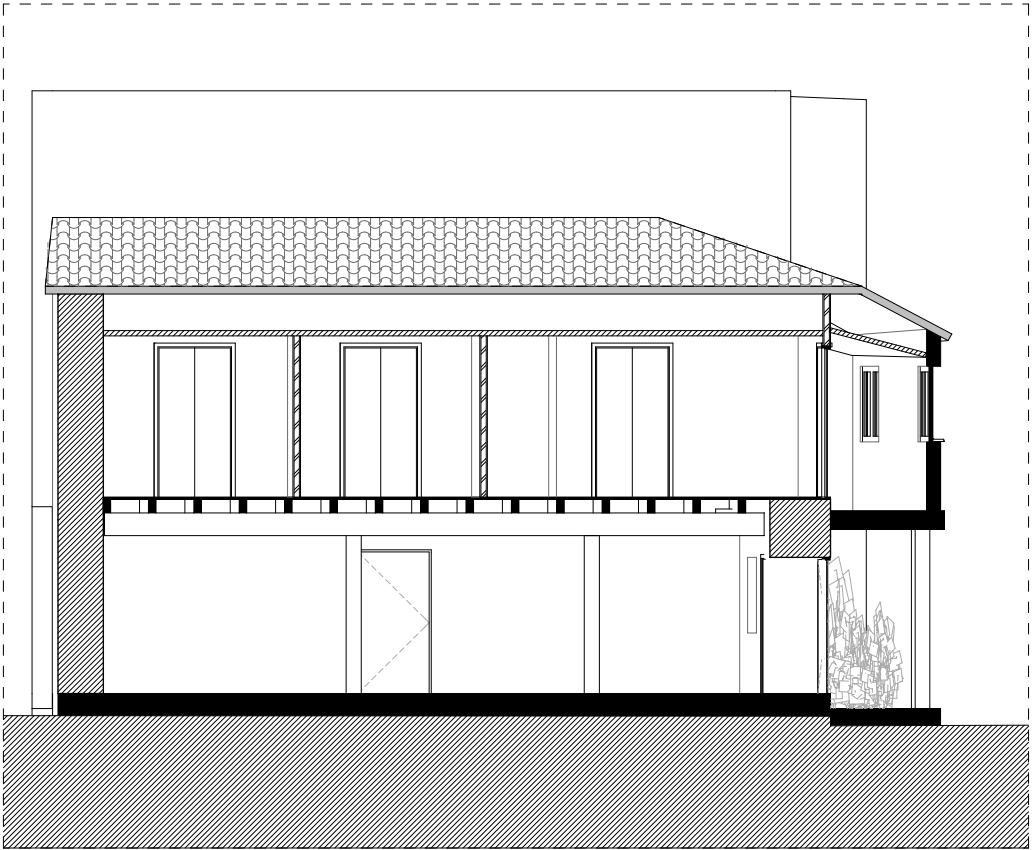




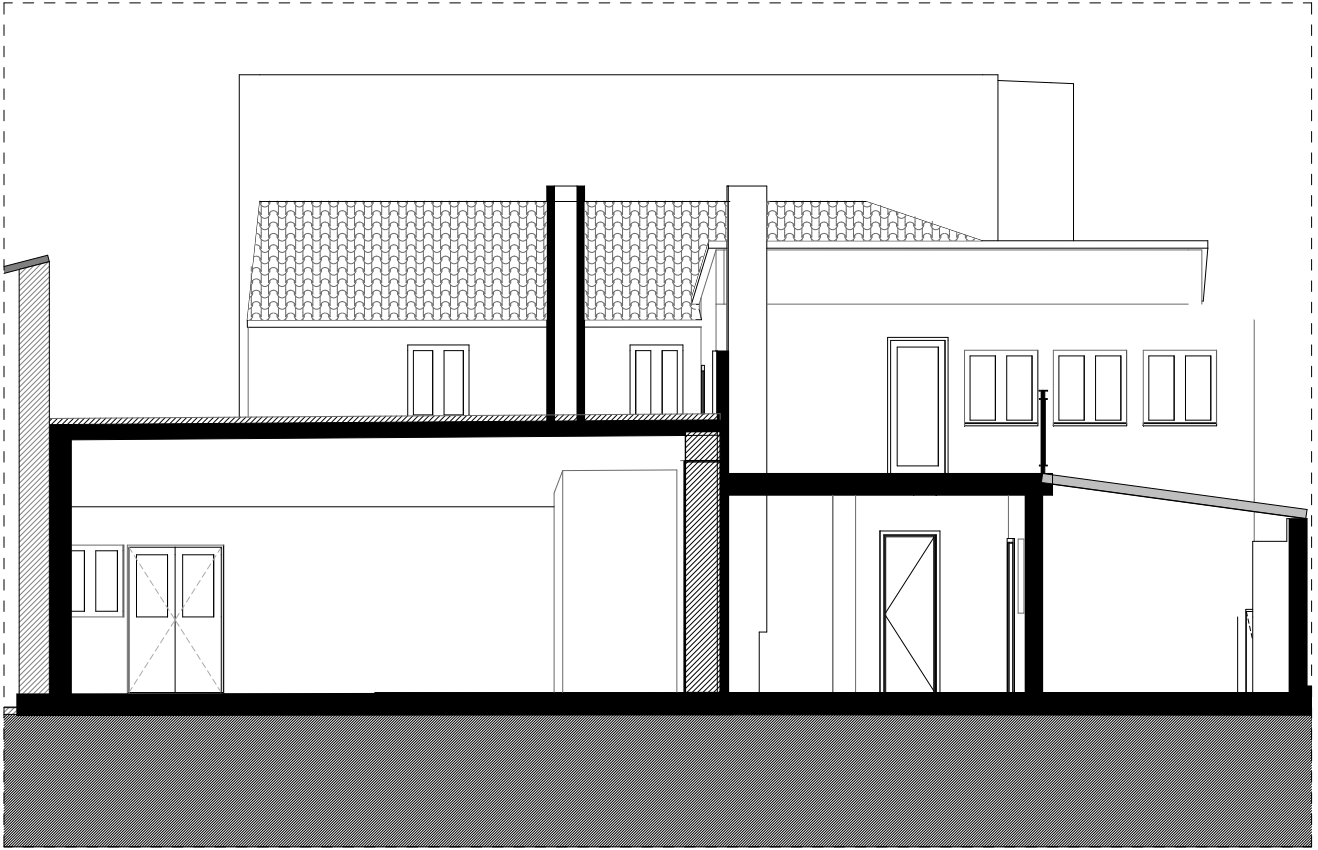
1:100 Corte A - A'



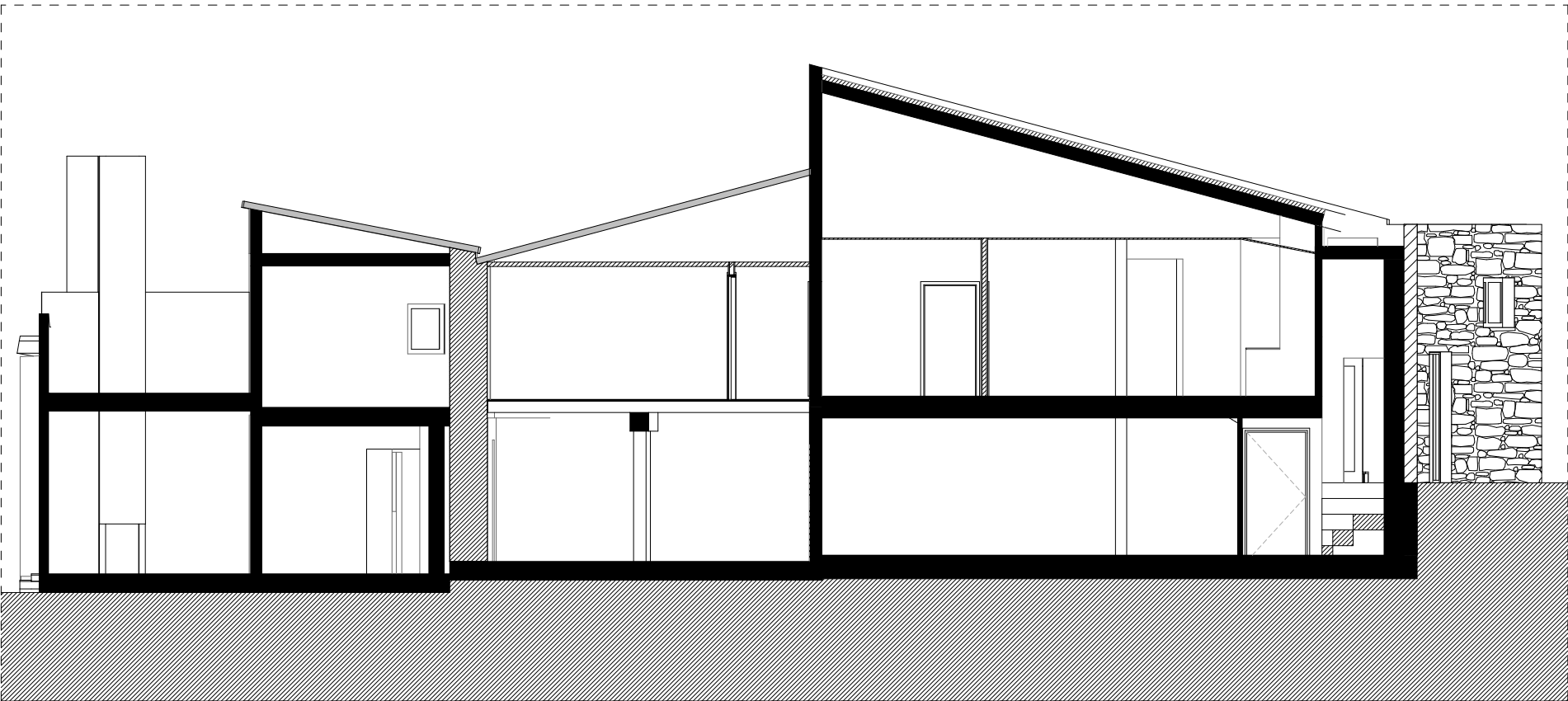
1:100 Corte B - B'



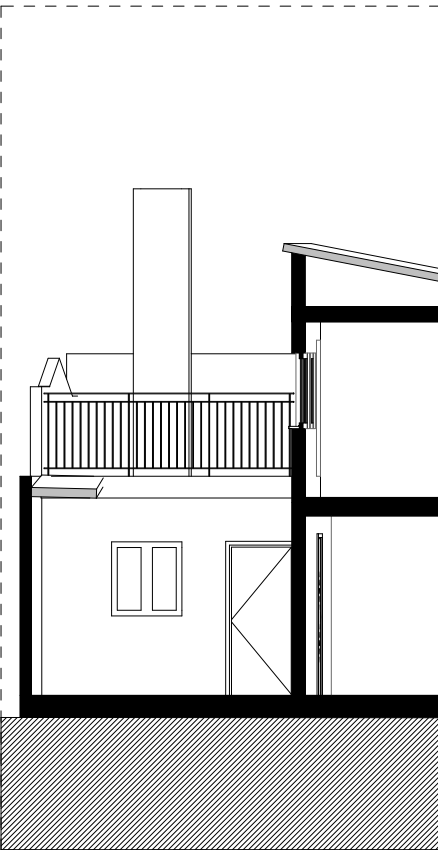
1:100 Corte C - C'



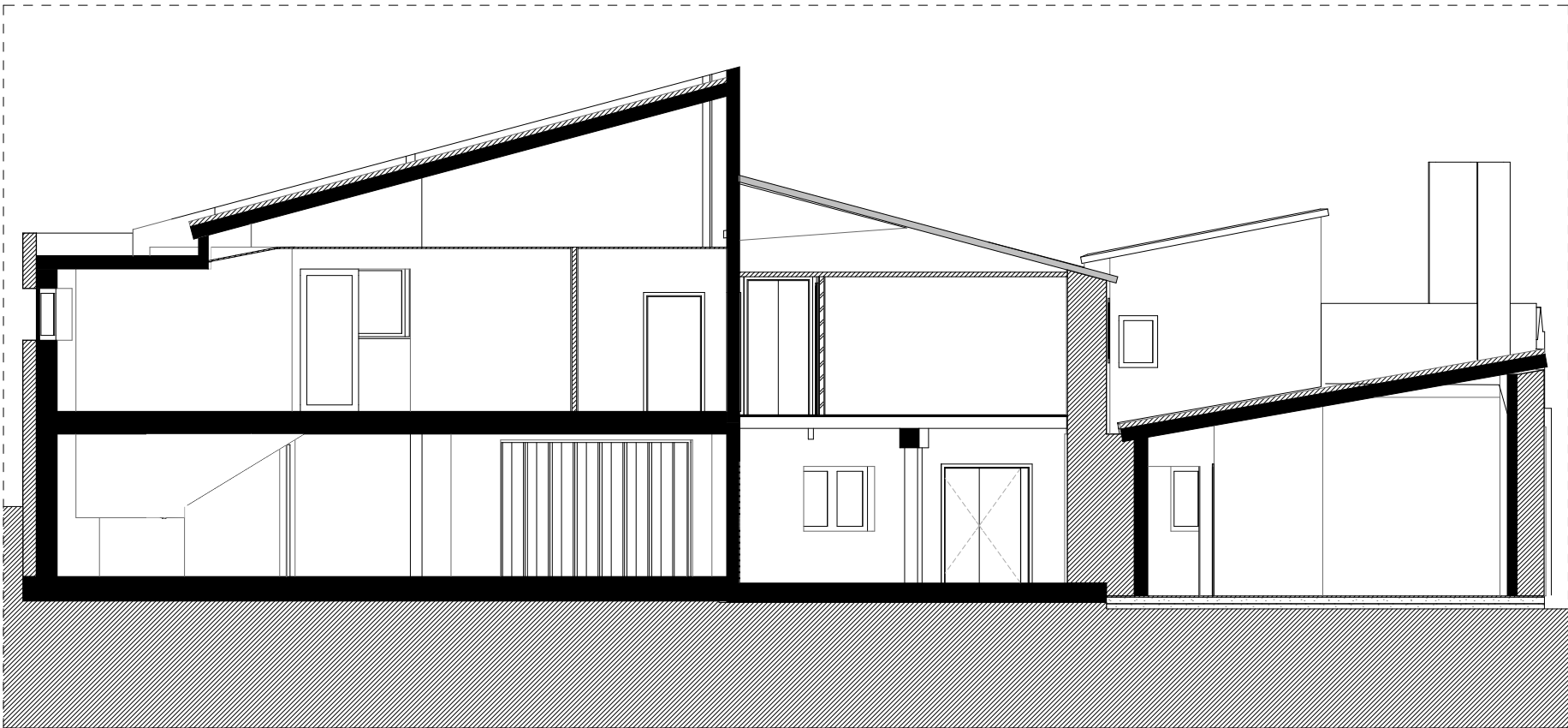
1:100 Corte D -D'



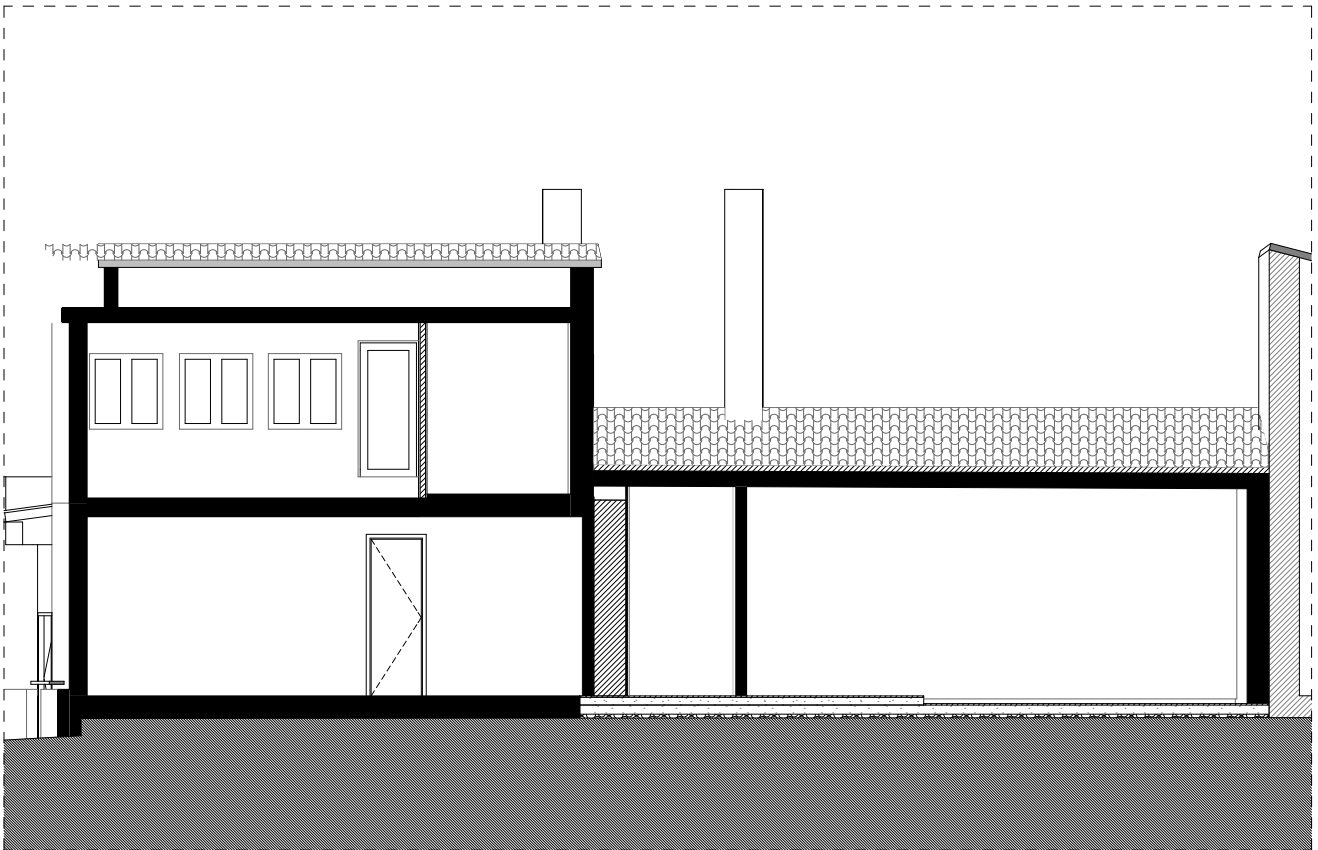
1:100 Corte E - E'



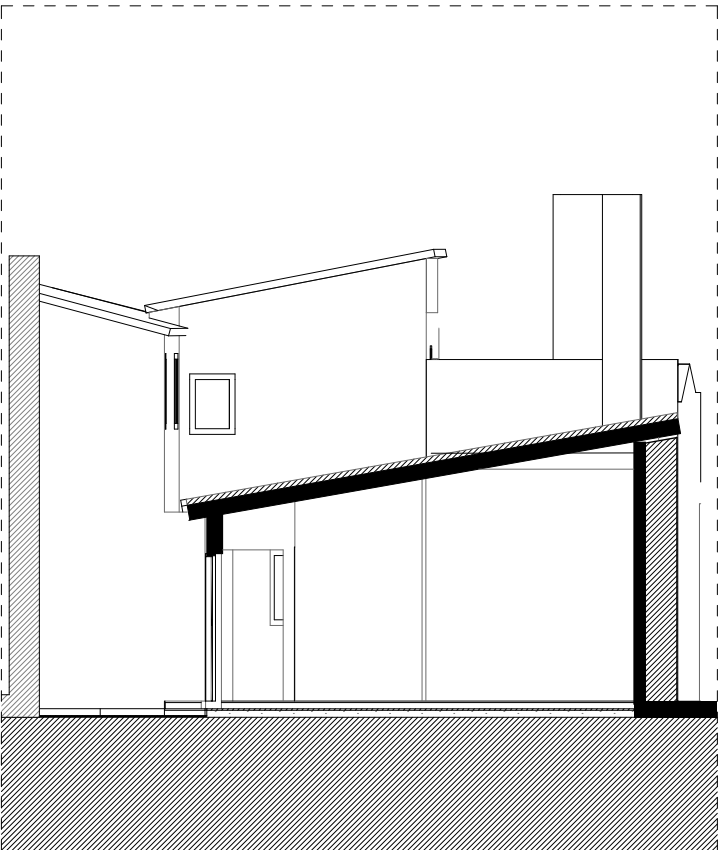
1:100 Corte F - F'



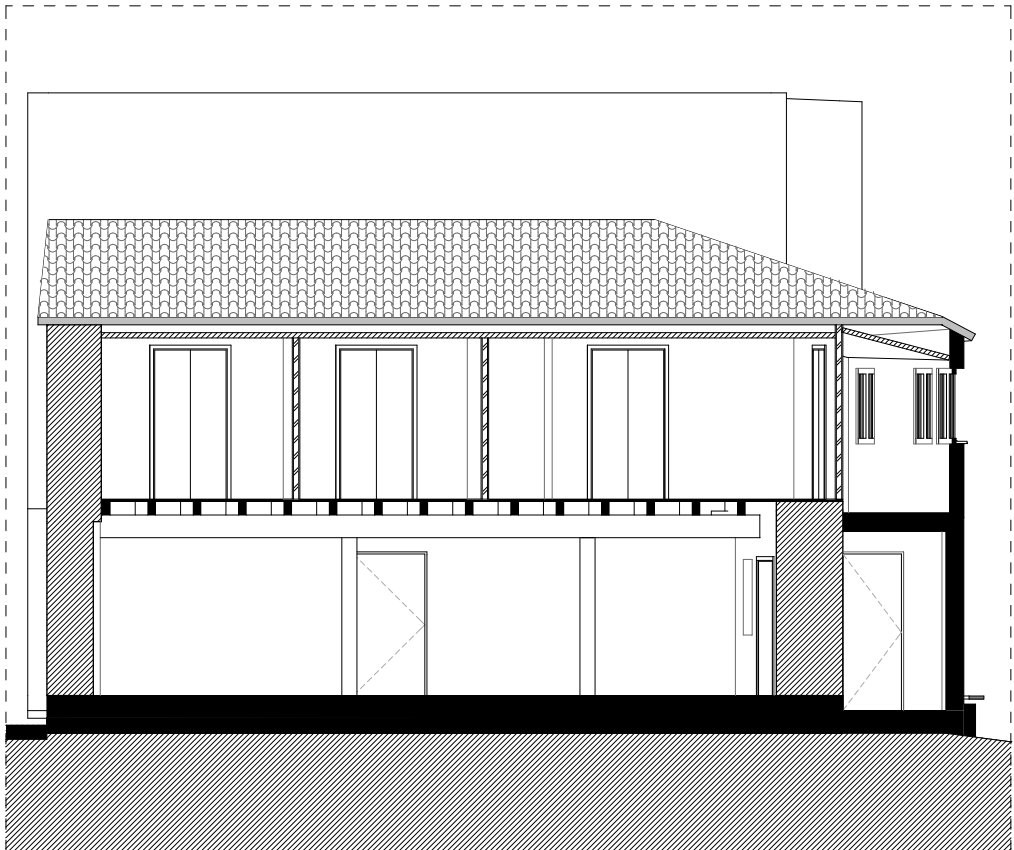
1:100 Corte G- G'



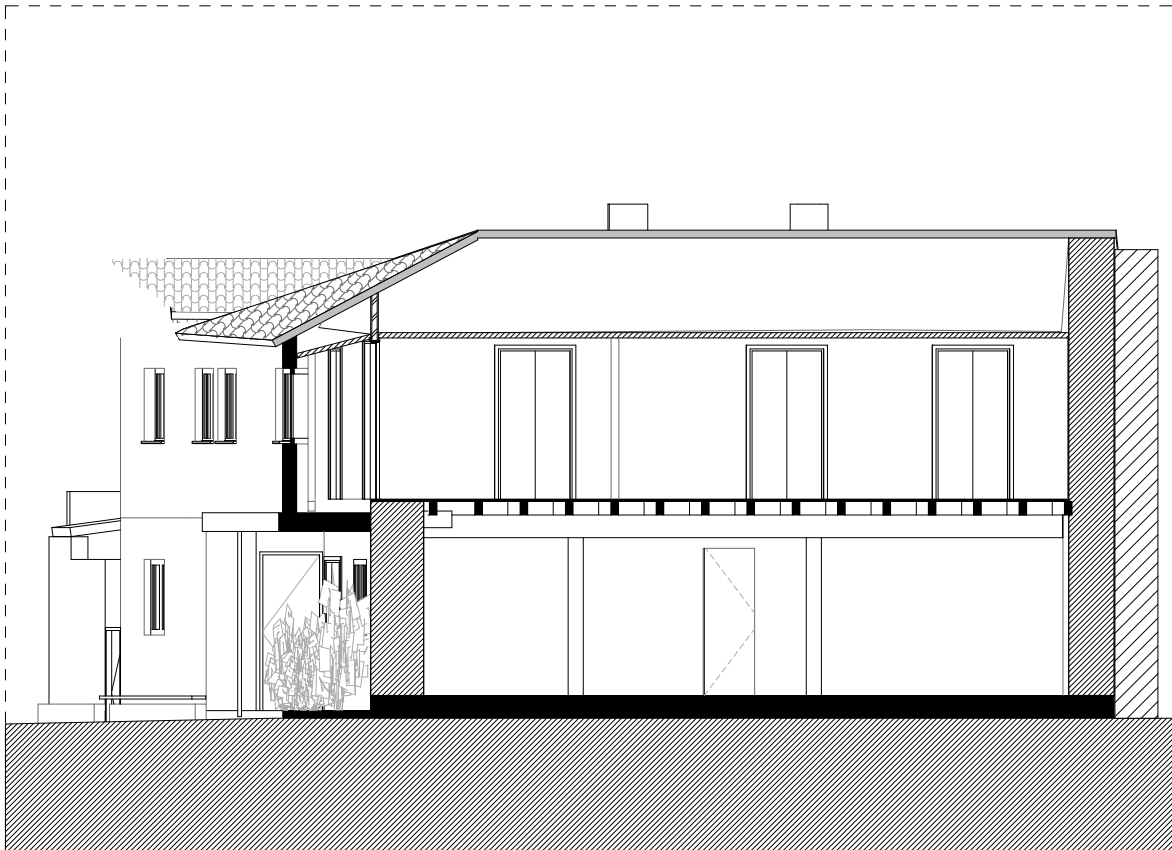
1:100 Corte H-H'



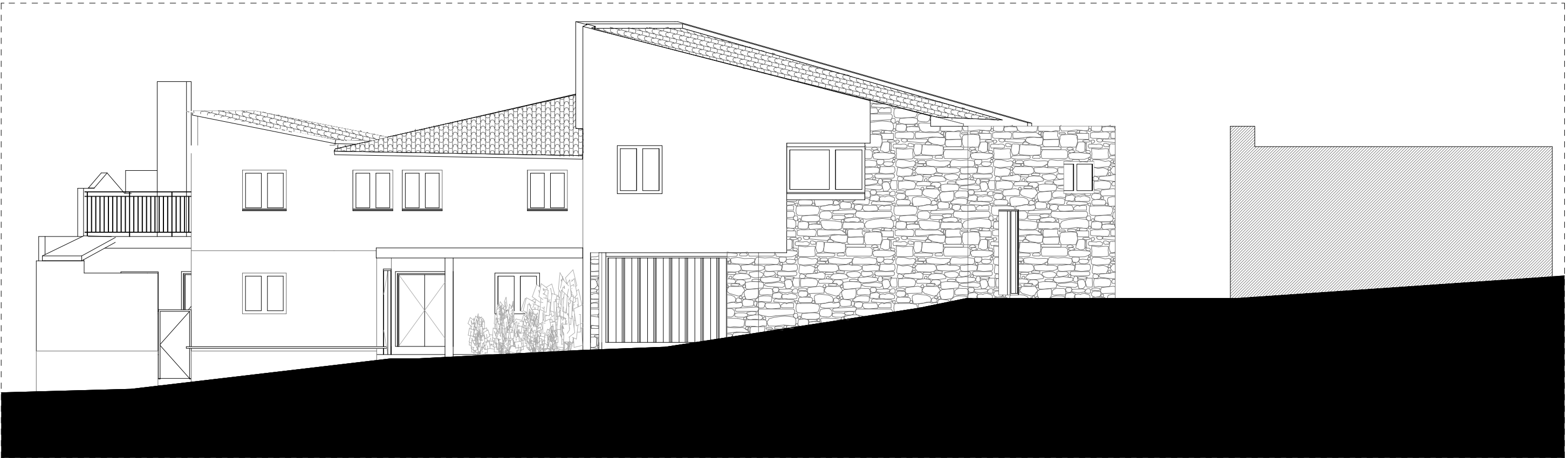
1:100 Corte I-I'



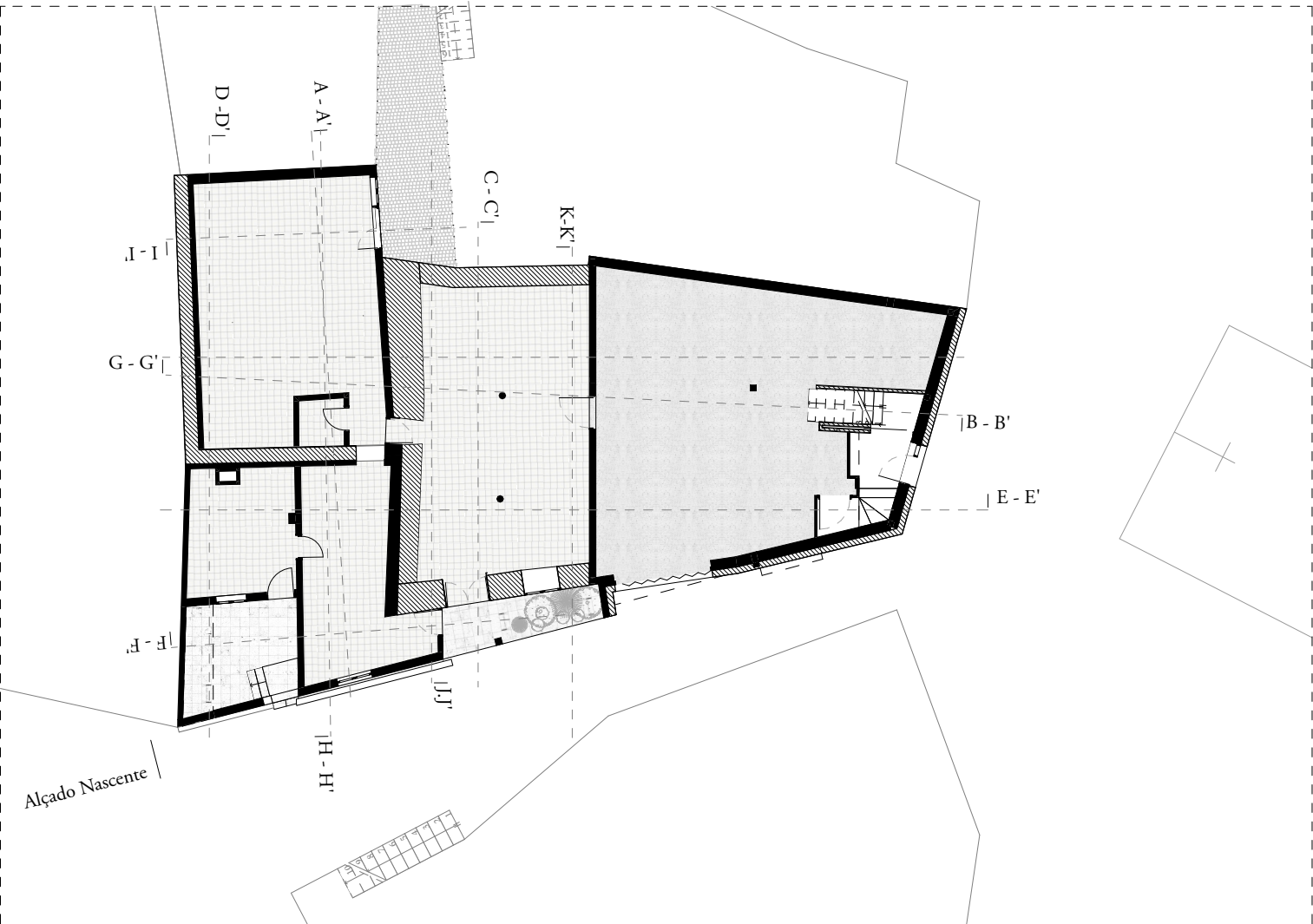
1:100 Corte J-J'



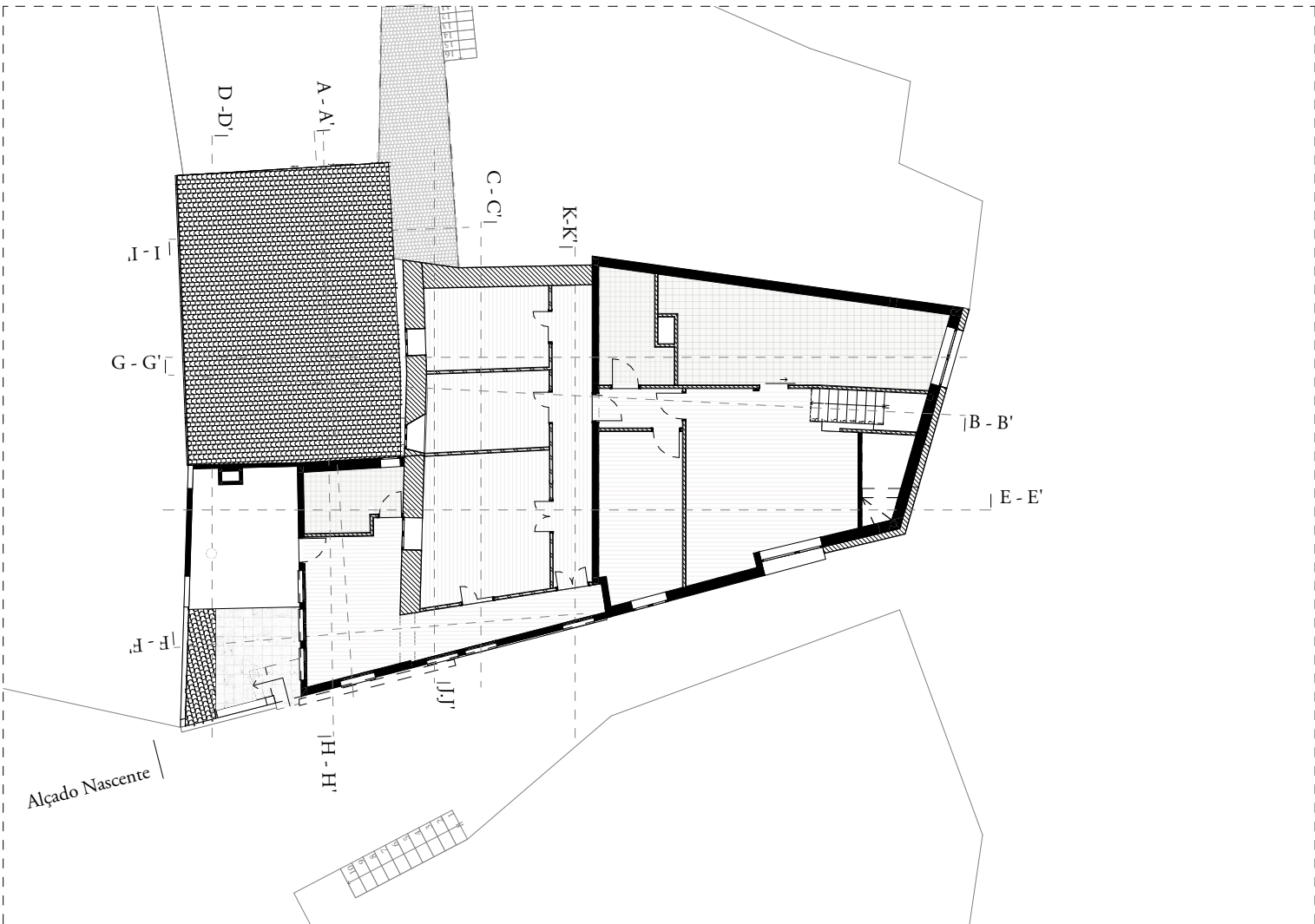
1:100 Corte K-K'



1:100 Alçado Nascente



1:200 Planta do r/c



1:200 Planta do primeiro andar

























“A arquitectura tem que ver com a construção de múltiplas situações de uso, conectadas e entrecruzadas, que se movem e que constituem o habitar”²²

No seguimento do trabalho, e tal como acima referido foram ainda recolhidas informações de cariz subjectivo. São eles, o índice de ocupação²³, as sensações resultantes dessa mesma ocupação, o que lhes agrada, mas também que problemas identificam nessas divisões.

Actualmente, a casa é habitada ao longo de todo o ano pela minha avó, que ocupa essencialmente o núcleo da cozinha, quarto e casa-de-banho no seu dia-a-dia, mas também com bastante frequência os espaços de serviço do r/c. Aquando das visitas da restante família o núcleo dos três quartos passa a ser usado e a casa é habitada na sua totalidade. Há, ainda assim, diferenças substanciais na ocupação de todos os espaços, por razões ligadas ao sensível mas, principalmente, relacionadas com um certo grau de conforto e à função atribuída a cada espaço.

No resultado obtido nas entrevistas, tal como se pode confirmar no gráfico 1, nota-se uma diferença substancial entre a ocupação do piso térreo e o primeiro andar. As razões para tal acontecer prendem-se essencialmente com a função que estes espaços têm na vida quotidiana (mesmo de férias). É possível também verificar, no gráfico 2, que no Verão os valores de ocupação das diferentes divisões da casa são substancialmente distintos do que no Inverno, havendo uma maior dispersão na casa no Verão. Isto deve-se ao facto de alguns espaços não terem os graus de conforto térmico desejáveis na estação mais fria. No primeiro andar os valores são substancialmente superiores, sendo que também se verifica uma variação entre os espaços que o compõem. No gráfico 1 é possível notar

22. Lacaton, Anne, e Jean-Philippe Vassal. 2017. Actitud. 1a. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.p. 94

23. Isto é, na elaboração da entrevista questionava-se o inquirido sobre quanto tempo passavam em determinada divisão da casa, fazendo-se a distinção entre o Inverno e o Verão. Estes respondiam numa escala de um a três, em que um correspondia a “poucas vezes”, dois “algumas vezes” e três “muitas vezes”. Posteriormente, foi calculada a média do índice de utilização para cada espaço.

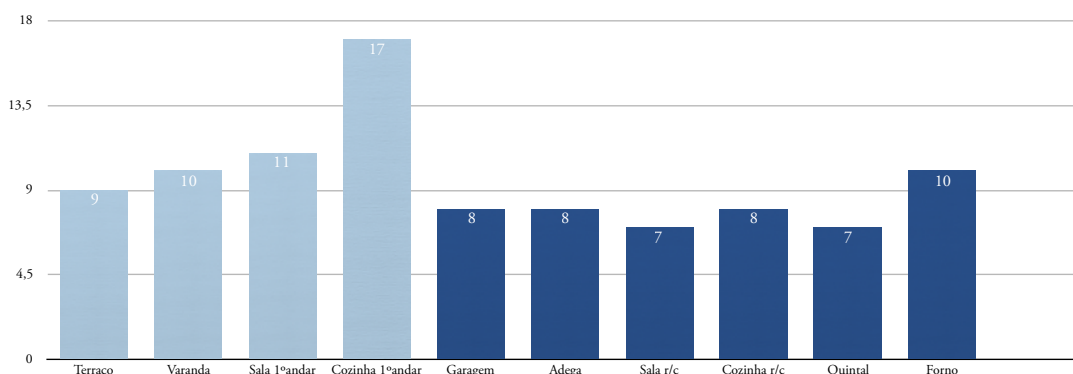


Gráfico 1 - Índice de utilização dos espaços. Média anual

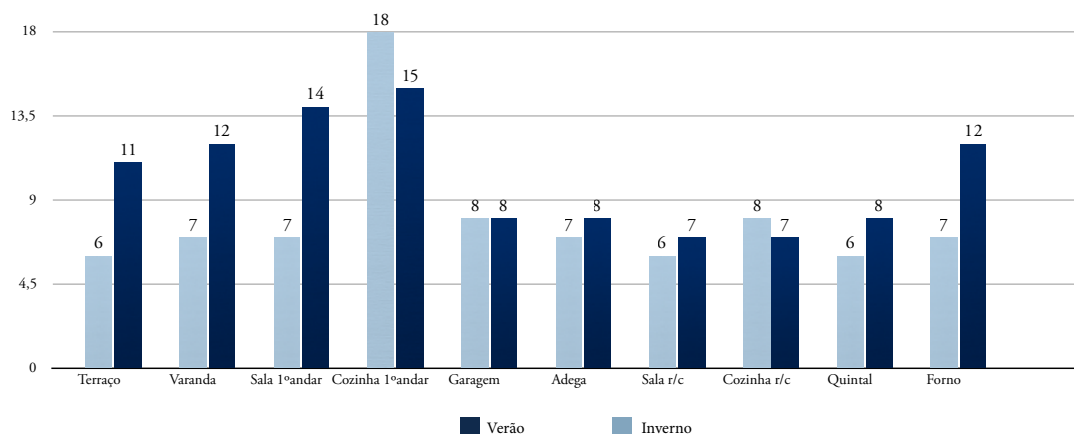


Gráfico 2 - Índice de utilização dos espaços. Verão e Inverno

a diferença entre a cozinha e as restantes divisões da casa. Sendo esta a mais ocupada ao longo de todo o ano, mantendo-se assim “a divisão essencial, onde decorre o mais importante da vida de relação familiar”²⁴. A concentração neste espaço é justificada - além da sua centralidade na vida quotidiana - pela existência da única televisão da casa mas também pela carência de conforto térmico nas outras divisões. Tal como foi referido anteriormente, todo o primeiro andar tem aquecimento central, mas este é fornecido por uma caldeira a gásóleo e dadas as circunstâncias actuais torna-se cada vez mais necessária a sua substituição. Não só por questões relacionadas com a sustentabilidade, mas acima de tudo por razões económicas. São então identificados alguns problemas nesta divisão devido, exactamente, ao número elevado de pessoas que tendencialmente a ocupam e na coexistência das ações desenvolvidas nela - cozinhar, comer e estar. Desta forma, todos os outros espaços de estar, tais como a sala e varanda são negligenciados no inverno, sendo lamentavelmente apenas ocupados no Verão. Diz-se lamentavelmente, pois são espaços em potência, isto é, quer pela sua conformação quer pela sua localização e exposição solar, são espaços que poderiam resolver os problemas identificados na cozinha. Por exemplo, na sala de estar, esta tem uma bela janela voltada a nascente/sul, que ao longo do dia vai envolvendo a sala com uma luz muito agradável, acentuada ainda pela cor bordô do estore que filtra essa mesma luz dando uma ambiência mais “quente” contrastante com o branco reflectido dos azulejos da cozinha.

Além da carência de conforto térmico, alguns problemas referidos neste espaço são a indefinição espacial - causada tanto pela (des)organização dos móveis, mas também pela mistura de situações entre a receção do fim das escadas e as ligações aos restantes espaços,

24. Oliveira, Ernesto Veiga de, e Fernando Galhano. 1992. *Arquitectura tradicional portuguesa*. 1ª ed. Portugal de Perto 24. Lisboa: Dom Quixote. p.338

tornando-a assim num espaço pouco estável, para uma estadia que se quer descansada. Na varanda é detectada uma situação idêntica. O espaço, devido à sua exposição solar e pela distância que tem em relação à zona de dia, apresenta um potencial considerável em ser uma outra sala de estar, mas com características de maior intimidade. A luz do sol é recebida em duas frentes (sul e nascente) e é também filtrada por estores, mas estes de cores distintas da sala de dia. No lado aberto a nascente, os estores são de cor branca para deixar entrar a luz pela manhã, mas no lado sul estes são azuis escuros de modo a controlar a força do sol trasmontano. Tal como na sala, este espaço é interrompido por circulações imprevistas, tornando-se assim um espaço com uma instabilidade considerável. Nas restantes divisões, ou seja, nos quartos e nas casas de banho, os pontos negativos mais apontados têm que ver com questões de algum desgaste, das paredes e do pavimento, estando este com problemas maiores devido à existência de insectos xilófagos²⁵ que estão a consumir a madeira do soalho, sendo necessária a sua substituição. Importa ainda apontar uma questão particular no quarto com janela voltada para o interior da casa, que devido a essa mesma configuração, são relatados incómodos que se prendem com a dificuldade de arejamento e ainda alguma falta de privacidade.

25. Um xilófago é um inseto que se alimenta de madeira. Os cupins, as vespas e algumas espécies de besouro são exemplos de animais xilófagos

No rés-do-chão, os espaços de serviço são usados com alguma frequência, mas em circunstâncias específicas e por certos habitantes, resultando em valores de ocupação aproximados em todas as divisões com a excepção do “Forno” que por ser usado nos almoços familiares, apresenta valores ligeiramente mais elevados do que as restantes. Estes eventos, tal como está demonstrado nos esquemas, acontecem unicamente no Verão, daí os valores nesta altura do ano serem mais elevados. A razão apontada para que tal aconteça, prende-se essencialmente com o mau desempenho térmico que este espaço oferece. Na sua utilização são ainda referidos outros problemas: Devido à coexistência de funções, estas entram muitas vezes em conflito. Por exemplo, quando são realizados os convívios, é necessário fazer uma arrumação profunda do mesmo. Além disso, o forno tem problemas relacionados com a retirada do fumo, e após várias tentativas o problema nunca foi plenamente solucionado. Por consequência, normalmente existem dois cenários: Ou os convívios, mesmo sendo este espaço arejado, são perfumados pelo aroma (excessivo) a lenha queimada; ou estes assados têm de ser realizados algum tempo antes da refeição para que haja tempo suficiente do fumo sair por completo.

De resto, neste piso, os problemas detectados prendem-se essencialmente com a desorganização e desarrumação. Sendo esta uma zona maioritariamente de serviço é lhe característica alguma desordem mas, devido ao facto de alguns espaços não terem definição e serem “sobras” de alterações sucessivas, esta característica é acentuada.

Valores no Verão

Divisão	Valor	Quantas x	Y	Total Y
Terraço	1	1	1	
	2	5	10	
	3	0	0	11
Varanda	1	2	2	
	2	2	4	
	3	2	6	12
Sala 1º andar	1	0	0	
	2	4	8	
	3	2	6	14
Cozinha 1º andar	1	0	0	
	2	1	2	
	3	5	15	17
Garagem	1	4	4	
	2	2	4	
	3	0	0	8
Adega	1	4	4	
	2	2	4	
	3	0	0	8
Sala r/c	1	5	5	
	2	1	2	
	3	0	0	7
Cozinha r/c	1	4	4	
	2	2	4	
	3	0	0	8
Quintal	1	5	5	
	2	1	2	
	3	0	0	7
Forno	1	0	0	
	2	6	12	
	3	0	0	12

Valores no Inverno

Divisão	Valor	Quantas x	Y	Total
Terraço	1	6	6	
	2	0	0	
	3	0	0	6
Varanda	1	4	4	
	2	1	2	
	3	1	3	9
Sala 1º andar	1	5	5	
	2	1	2	
	3	0	0	7
Cozinha 1º andar	1	0	0	
	2	0	0	
	3	6	18	18
Garagem	1	4	4	
	2	2	4	
	3	0	0	8
Adega	1	5	5	
	2	1	2	
	3	0	0	7
Sala r/c	1	6	6	
	2	0	0	
	3	0	0	6
Cozinha r/c	1	5	5	
	2	1	2	
	3	0	0	7
Quintal	1	6	6	
	2	0	0	
	3		0	6
Forno	1	5	5	
	2	1	2	
	3	0	0	7

Tabelas dos calculos do indice de utilização. Verão e Inverno

Fórmula:

$Y = (\text{valor}) \times (\text{nr de vezes referido o respectivo valor})$

Total = soma dos Y

Exemplo:

À varanda no Inverno é lhe atribuido o valor um, quatro vezes, o valor dois, uma vez, e o valor três, uma vez.

Logo:

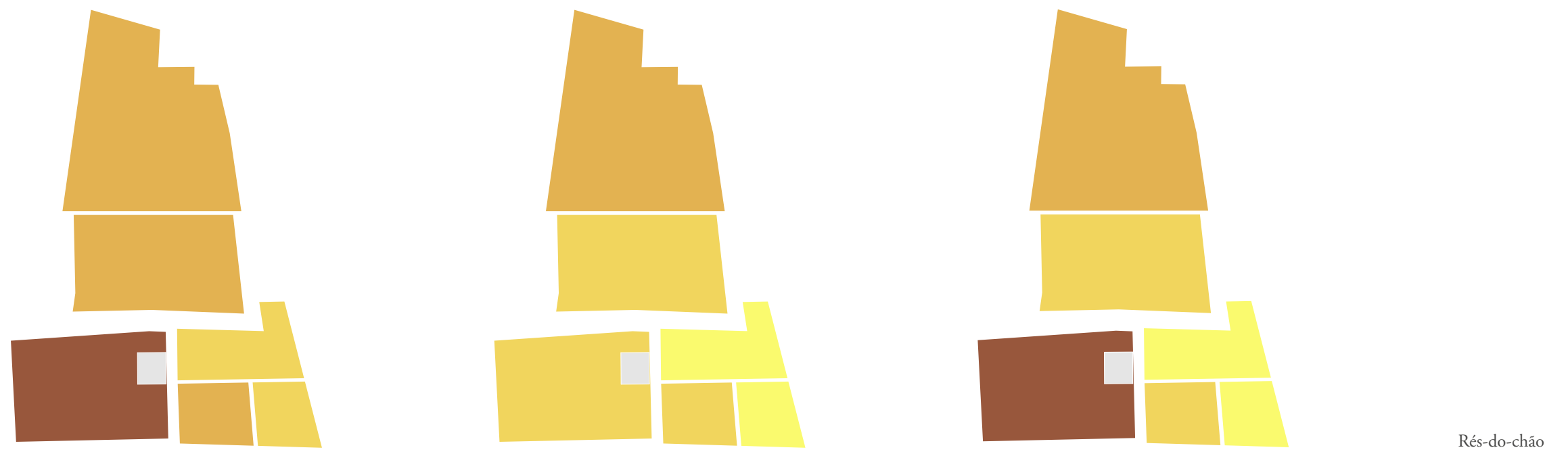
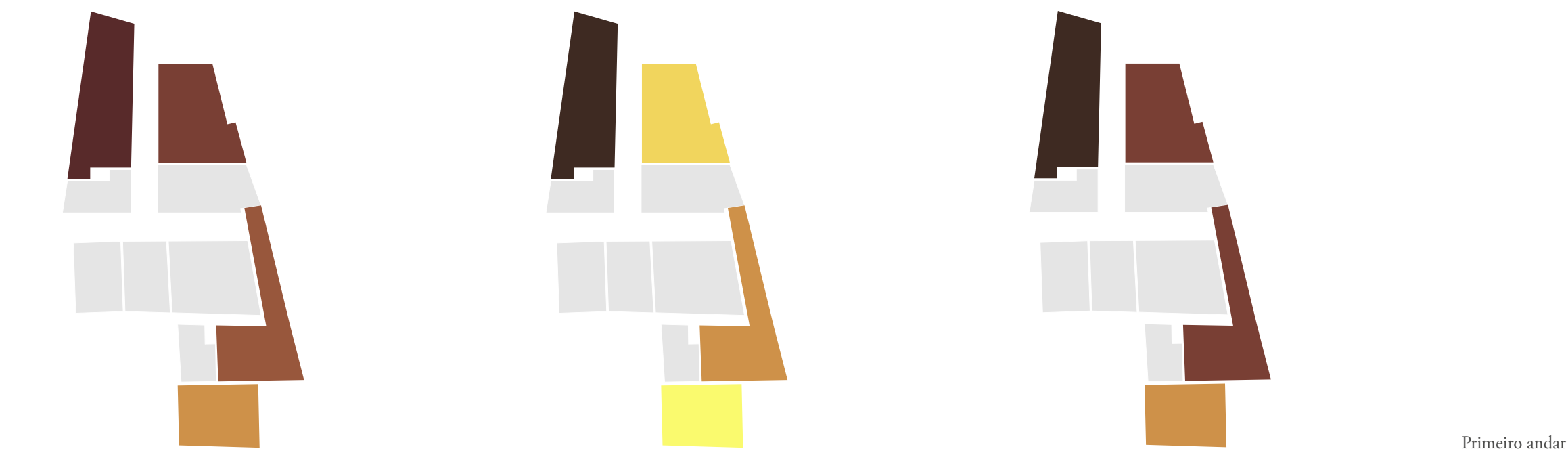
Y de 1 = quatro vezes o valor um = 4

Y de 2 = uma vez o valor dois = 2

Y de 3 = uma vez o valor três = 3

Depois são somados os resultados, obtendo assim o

Total = 4 + 2 + 3 = 9



Verão

Inverno

Média anual

Primeiro andar

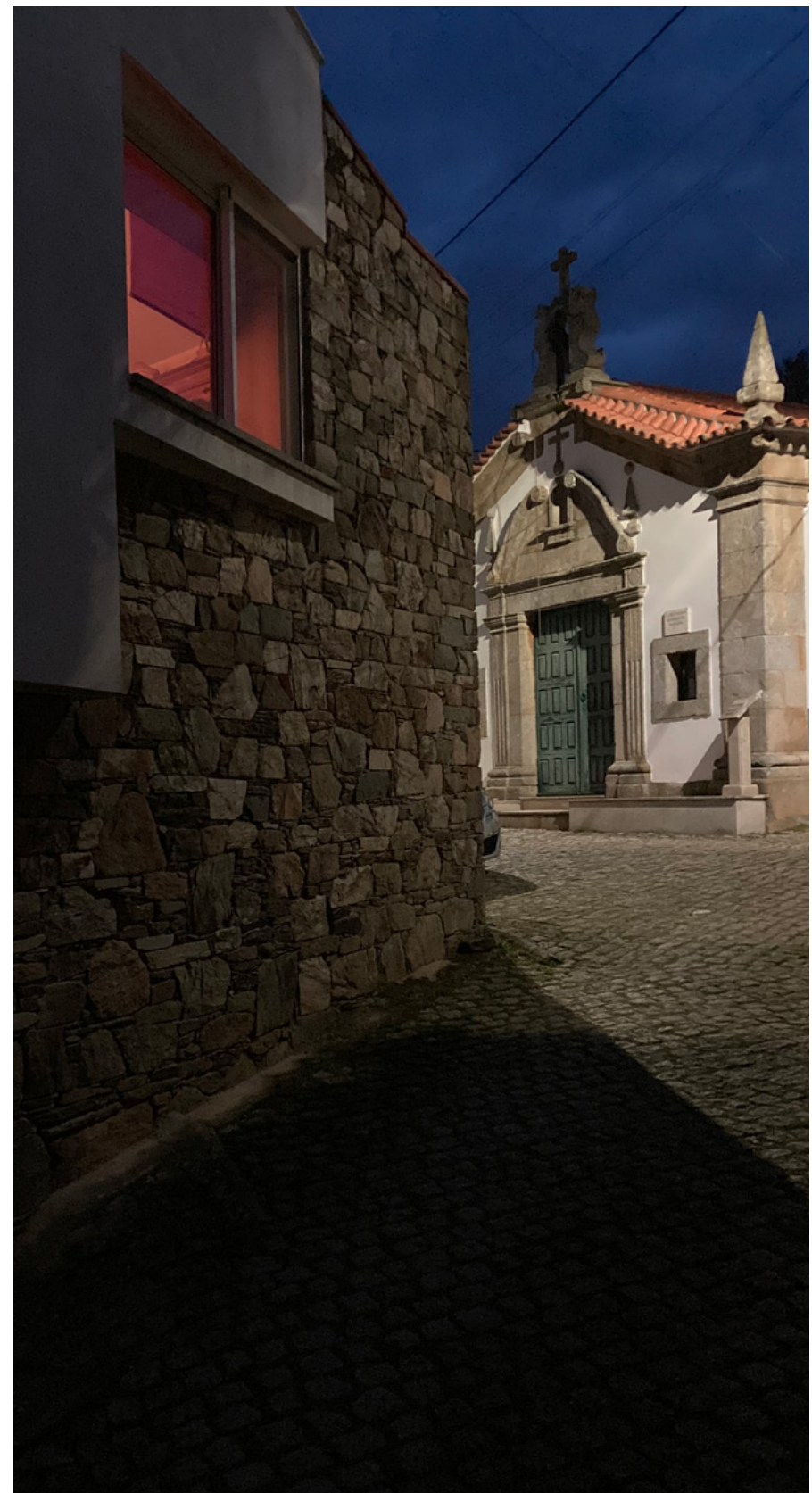
Rés-do-chão



Índice de utilização.
Esquemas das plantas do
rés-do-chão e do primeiro
andar sobrepostas com
cores correspondentes à sua
utlização



Aproximações - Qualidades e Problemas. Fumo do forno, evidente na luz da clarabóia e na sala de baixo



Aproximações - Qualidades e Problemas. Jogos de luz na sala de estar



Aproximações - Qualidades e Problemas. Jogos de luz na varanda e infiltrações



Aproximações - Qualidades e Problemas. Ambiente dos quartos. Texturas e cores. Soalho danificado

















27 7 2003



Organização e desenho

Programa

*“As ciências parcelares, a ciência em geral, não podem senão intervir como contribuição para um programa: de facto, os dados que uma disciplina pode dar não chegam para, nem podem conduzir a, uma totalidade (a uma forma) pois, se assim acontecesse, reduziria-se o objecto habitável a objecto técnico. Mas, de outro lado, como programa e desenho são elementos não sucessivos mas interdependentes temos de apelar para uma forma de integrar, por exemplo, dois dados quaisquer de programa cuja comparação não teria sentido, e seria indeterminada ou desconexa sem a forma que levantasse a indeterminação, ou que mostrasse que havia conexão interdisciplinar. A realização da coisa, reforma o programa, chama a uma nova avaliação e reforma por seu turno, passando de hipótese lançada sobre o conhecimento anterior a realidade, ainda e sempre hipótese, lançada agora sobre a vida, o uso e o consumo dos homens.”*²⁶

26. Portas, Nuno. 1969. A cidade como arquitectura. 3a. Lisboa: Livros Horizonte. p.23

Para dar continuidade ao projecto, é necessário a formulação de um programa, pelo que foram elaboradas tabelas que resumem as informações recolhidas e hierarquizam os problemas. De seguida, colocaram-se as palavras chave sobre esquemas de plantas dos dois pisos, situando cada palavra nos espaços devidos, e relacionando uns com os outros, ajudando a criar uma imagem mental.

Uma das primeiras constatações têm que ver diretamente com a casa no seu todo: o mau desempenho térmico, algumas infiltrações de água e a falta de rede móvel são os problemas mais referenciados nos dois pisos. Outra é a necessidade de voltar a assumir a distinção funcional entre os mesmos. No rés-do-chão devem manter-se todas as zonas de serviço e deixar para o primeiro andar tudo aquilo que tem que ver com a vivência doméstica da casa. Assumindo esta diferença entre eles, sem esquecer que ambas partes fazem do todo, começa-se a delinear uma estratégia de reorganização de cada um.

Sendo o rés-do-chão, essencialmente, uma zona de serviço, nota-se a existência de duas áreas distintas: uma de apoio à agricultura e outra de apoio à logística doméstica. Estabelece-se assim uma nova regra. O rés-do-chão deve ser reorganizado, de modo a que esta distinção seja perceptível. Este, deve ainda ser o mais prático possível dando uma resposta pragmática às necessidades pretendidas. Aqui, só o espaço de convívio maior é entendido como excepção. Seguindo a mesma lógica de clarificar as funções, este pela sua natureza excepcional, deve ser um espaço com alguma independência das restantes zonas de serviço, mas ao mesmo tempo por se encontrar ao lado das mesmas, o seu desenho deve oferecer a possibilidade de apoiá-los em tarefas necessárias. Já no primeiro andar encontram-se todas as outras partes que compõem a vivência da casa. Aqui os problemas mais repetidos, são essencialmente a indefinição espacial nos espaços de estar e o desperdício de espaço de circulação.

Assim, o programa terá então de dar resposta a estes pontos e será a base de um desenho novo:

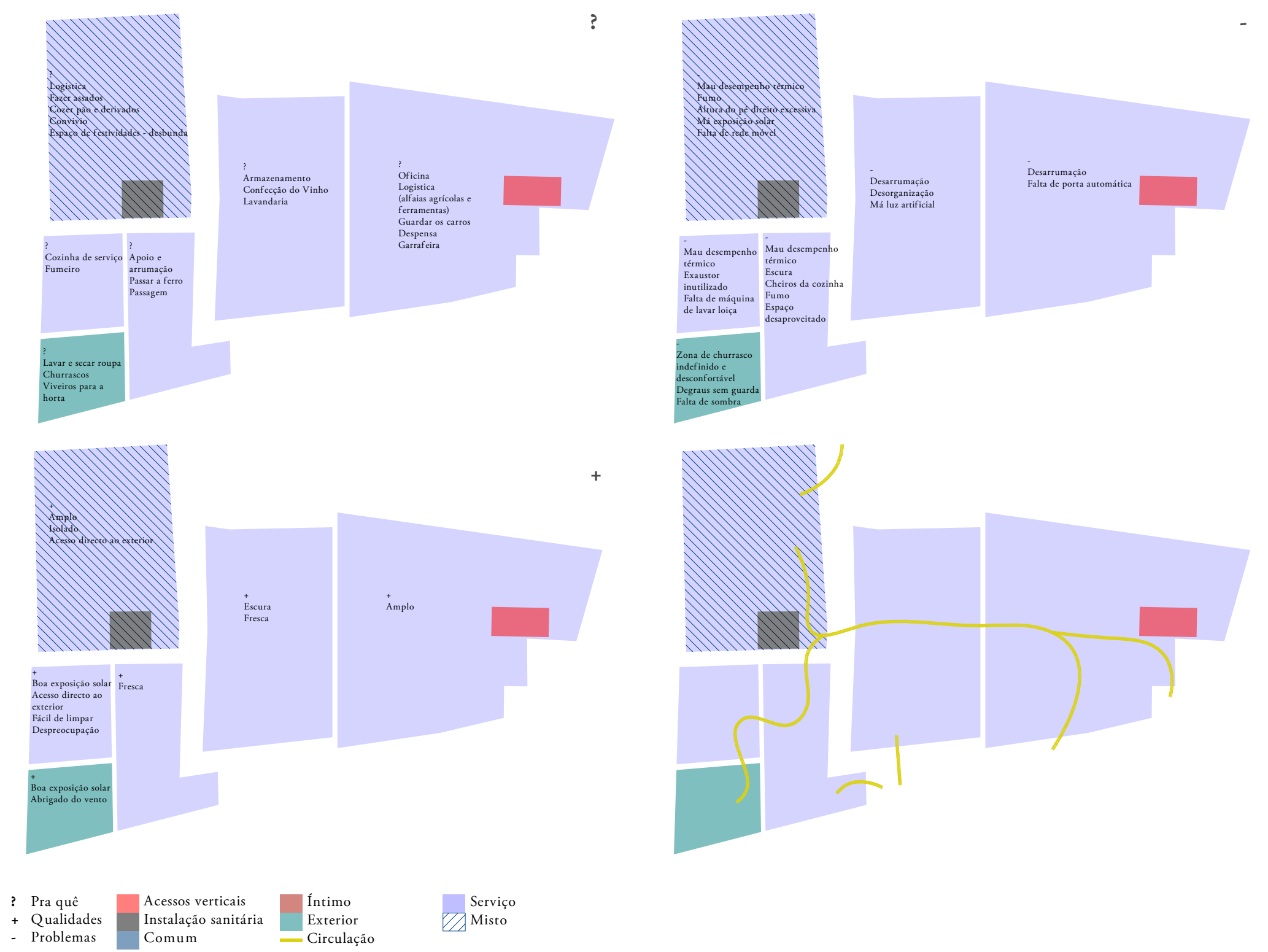
Distinção funcional entre pisos;

No rés-do-chão deve-se clarificar as duas zonas distintas de serviço dando independência ao espaço de convívio, mas permitindo que este se for necessário apoie os restantes;

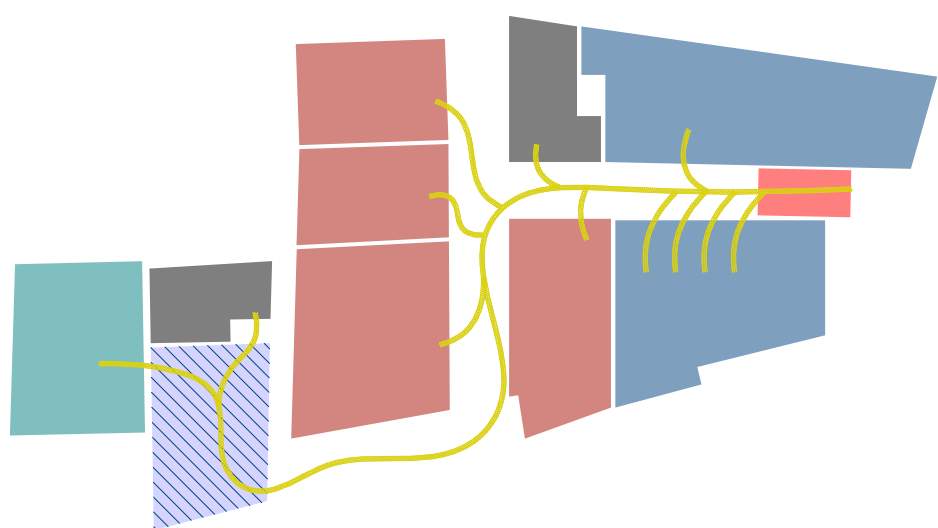
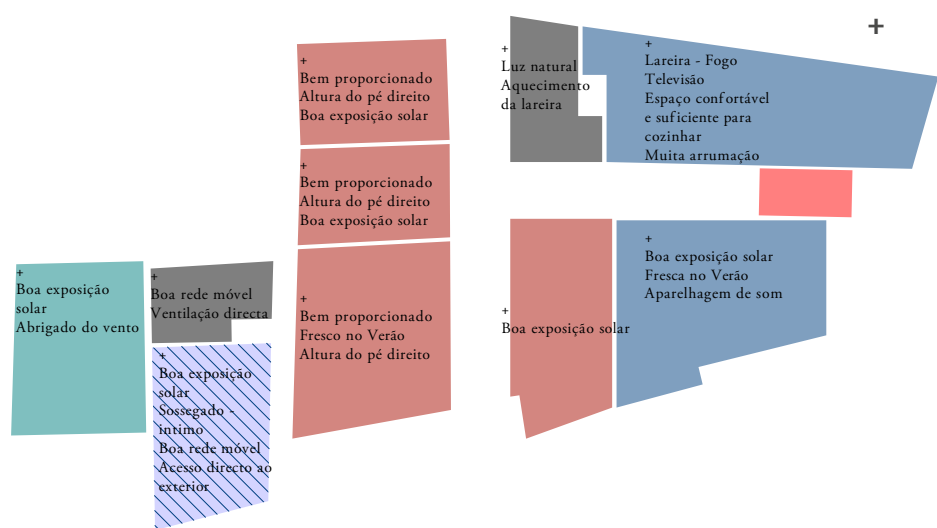
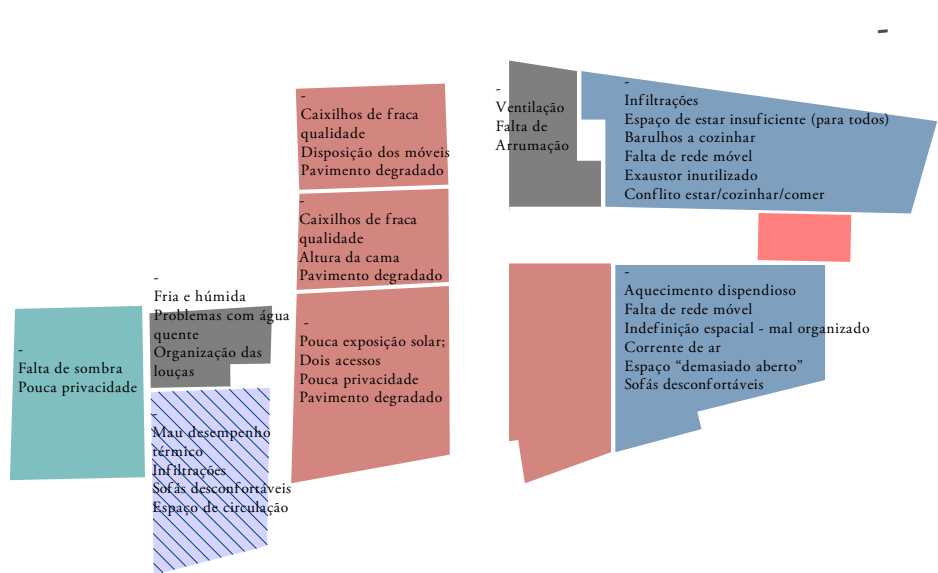
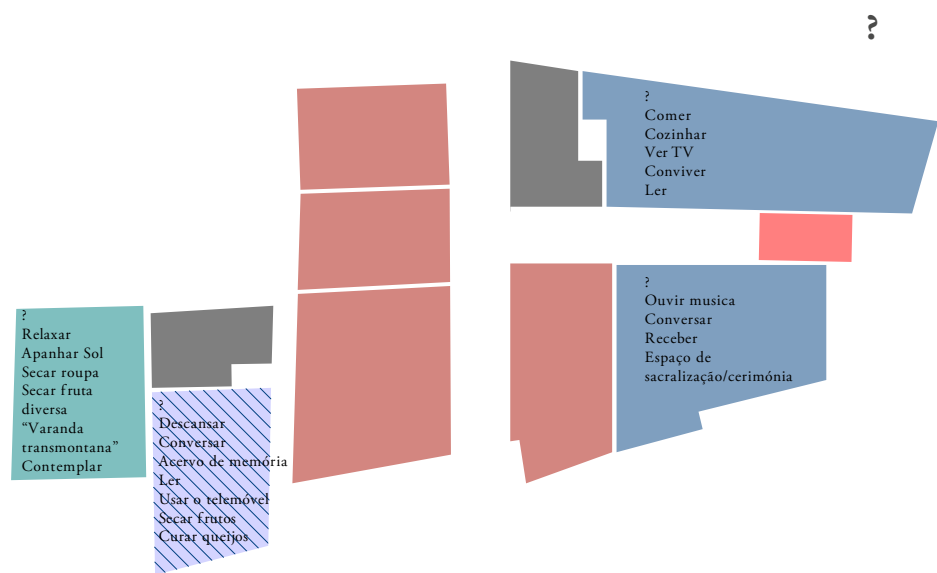
No primeiro andar, devem ser resolvidas as questões da indefinição espacial das zonas de estar.

Tabela resumo das entrevistas						
Pisos	Espaços	Função	Qualidades	Problemas	Problemas Principais	Problemas Gerais
Rês-do-chão	Garagem	Oficina Logística (alfaias agrícolas e ferramentas) Guardar os carros Despensa Garrafeira	Ampla	Desarrumação Porta Automática	Desarrumação Fumo Mau desempenho térmico Infiltrações Falta de rede móvel	Mau desempenho térmico Infiltrações Falta de rede móvel
	Adega	Armazenamento Confecção do Vinho Lavandaria	Escura Fresca	Desarrumação Desorganização Má luz artificial		
	Sala r/c	Arrumação Passar a ferro Passagem Espaço de serviço Dormitório	Fresca	Mau desempenho térmico Humida Escura Cheiros da cozinha Fumo Subaproveitada Infiltrações		
	Cozinha r/c	Cozinha de serviço Fumeiro	Boa exposição solar Acesso directo ao exterior Fácil de limpar Despreocupação	Mau desempenho térmico Fogão a gás Exaustor inutilizado Falta de máquina de lavar loiça		
	Quintal	Lavar e secar roupa Churrascos Viveiros para a horta	Boa exposição solar Abrigado do vento	Espaço para churrasco desconfortável Degraus sem guarda Falta de sombra		
	Forno	Fazer assados Cozer pão e derivados Convívio Logística Espaço de festividades - desbunda O contrário da sala	Ampla Isolado Acesso directo ao exterior	Mau desempenho térmico Fumo Altura do pé direito excessiva Má exposição solar Falta de rede móvel Infiltrações		
Primeiro andar	Terraço	Convívio Relaxar Apanhar Sol Secar roupa Secar fruta diversa “Varanda transmontana” Contemplar	Boa exposição solar Abrigado do vento	Falta de sombra Falta de Privacidade	Indefinição espacial Mau desempenho térmico Infiltrações Falta de rede móvel	
	Varanda	Descansar Conversar Acervo de memória Ler Usar o telemóvel Secar frutos Curar queijos	Boa exposição solar Sossegado - íntimo Boa rede móvel Acesso directo ao exterior	Mau desempenho térmico Infiltrações Sofás desconfortáveis Indefinição espacial		
	Sala 1º andar	Ouvir música Conversar Recepção Espaço de sacralização/cerimónia	Boa exposição solar Fresca no Verão Aparelhagem de som Cores dos estores ao longo do dia	Mau desempenho térmico Falta de rede móvel Indefinição espacial Corrente de ar Espaço “demasiado aberto” Sofás desconfortáveis		
	Cozinha 1º andar	Comer Cozinhar Ver TV Conviver Ler	Lareira - Fogo Televisão Espaço confortável e suficiente para Muita arrumação	Infiltrações Espaço de estar insuficiente (para t Barulhos de cozinhar Falta de rede móvel Exaustor inutilizado		

Tabela resumo das
entrevistas.
Hierarquização dos
problemas



Esquemas rés-do-chão



- | | | | | | | | |
|---|------------|--|----------------------|--|------------|--|---------|
| ? | Pra quê | | Acessos verticais | | Íntimo | | Serviço |
| + | Qualidades | | Instalação sanitária | | Exterior | | Misto |
| - | Problemas | | Comum | | Circulação | | |

Esquemas primeiro andar

Intervenção

A partir destes objetivos definidos, impõem-se uma nova questão:

“Se a arquitectura, como todo o acontecimento organizador do espaço, cria circunstâncias, (..) ela não poderá colocar-se numa posição de vítima, mas deverá agir para melhoria da circunstância pré-existente.”²⁷ Para nós, esta melhoria pode ser traduzida de distintas maneiras. Anne Lacaton, numa conferência em Harvard, em Março de 2015, respondendo a uma pergunta acerca do projecto para a praça Léon Aucoc em Bordéus, dizia: “É importante perceber que o trabalho do arquitecto não é só construir. É, em primeiro lugar, considerar a pergunta, considerar a situação e a sua complexidade e depois dar uma resposta. Às vezes é construir muito, outras pouco e às vezes é fazer nada”.²⁸

Considerando esta uma hipótese de projeto tão válida quanto outra, e sabendo até que a casa, na generalidade já dá resposta suficiente, poder-se-ia optar por uma solução que envolvesse pouca construção, ou até mesmo nenhuma.

Atendendo aos problemas globais da casa, poder-se-ia, por exemplo, resolver unicamente as questões do conforto térmico e da eficiência energética. Isolando-a e fazendo a substituição dos sistema de aquecimento já seriam grandes as alterações e que, com certeza, mudariam substancialmente o seu conforto e a sua apropriação. Mas podemos ir mais além. Até que ponto poderia ser suficiente, a simples decisão de colocar Wifi na casa?

Após todo o trabalho desenvolvido e estudo realizado sobre a casa, chegamos à conclusão que este gesto, tal como aquando da instalação da luz eléctrica em meados dos anos 60, poderia ser o suficiente para alterar e potenciar a sua ocupação. Mas, considerando a globalidade do projecto e com desejo de resolver todas as questões e problemas levantados, optou-se por ir avante com uma proposta total, para poder dar, pelo menos, a preciosa ainda se desencantada indicação de como são ou podiam ser as estruturas físicas possíveis de que ela carece.²⁹

Como intervir então num espaço já construído? Tal como é representado na evolução da morfologia da casa no tempo - há uma adequação de cada fase à sua contemporaneidade, às circunstâncias materiais do território e dos seus habitantes - este projecto quer ser mais um elo na longa cadeia de intervenções possíveis. Assim, entendemos que o arquitecto deve ser necessariamente racional e emocional ao mesmo tempo, ao colocar os meios arquitectónicos necessários para o realizar, tornando-se ele próprio um meio do impulso que o edifício contém.

As transformações pretendidas serão resultado de um desenho atento a todas as questões levantadas, e caracterizadas, de forma a dar a resposta total mas, também uma interpretação do eco do antigo, e assim procurar a solução numa harmonia analógica que, evitando mal-entendidos históricos, não sinta necessidade de exibir diferenças artificiais ou distâncias mentais, mas que procure, sim, uma conexão lógica, rigorosa e bela com o antigo.³⁰

27. Távora, Fernando. 1962. Da organização do espaço. Porto: Sousa & Almeida. p.55

28. Anne Lacaton in Conferência Harvard - Lacaton & Vassal - “Freedom of use”

29. Portas, Nuno. 1969. A cidade como arquitectura. 3a. Lisboa: Livros Horizonte. p.16-17

30. *"Obligados, pues, a desconfiar de nuestra propia sensibilidad y, paradójicamente, a obtener fruto de ella, sería preciso aprender con eficacia que entre el mimetismo historicista o el clasicismo de manual, y el collage moderno, hay todavía un ancho campo que explorar. Un campo diverso, no constreñido a posiciones únicas, en el que el necesario nuevo diseño sea capaz de interpretar el eco de lo antiguo, la simpatía del monumento, y buscar así la solución en una armonía analógica que, evitando los equívocos históricos, no se sienta necesitado de exhibir artificiosas diferencias ni distancias mentales, sino que busque, más bien, una trabazón lógica, rigurosa y bella con lo antiguo. La necesaria y arqueológica diferencia se establecerá por sí sola en la propia búsqueda de la armonía con una historia en todo caso imposible de repetir."* Capitel, Antón. 2009. Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. 2a edición revisada y ampliada. Madrid: Alianza. p.66

Explicitação do desenho final do projecto

Em primeiro lugar, a intervenção proposta garantirá o isolamento térmico necessário, a substituição dos sistemas de aquecimento de águas e ar, o restauro das coberturas causadoras das infiltrações de água, bem como a instalação de rede de internet.

O resultado do desenho desenvolvido tem estes pontos como princípio.

No rés do chão, tal como foi referido anteriormente, o espaço será dividido em duas zonas de serviço, garantindo a independência do espaço de convívio maior - “o forno”.

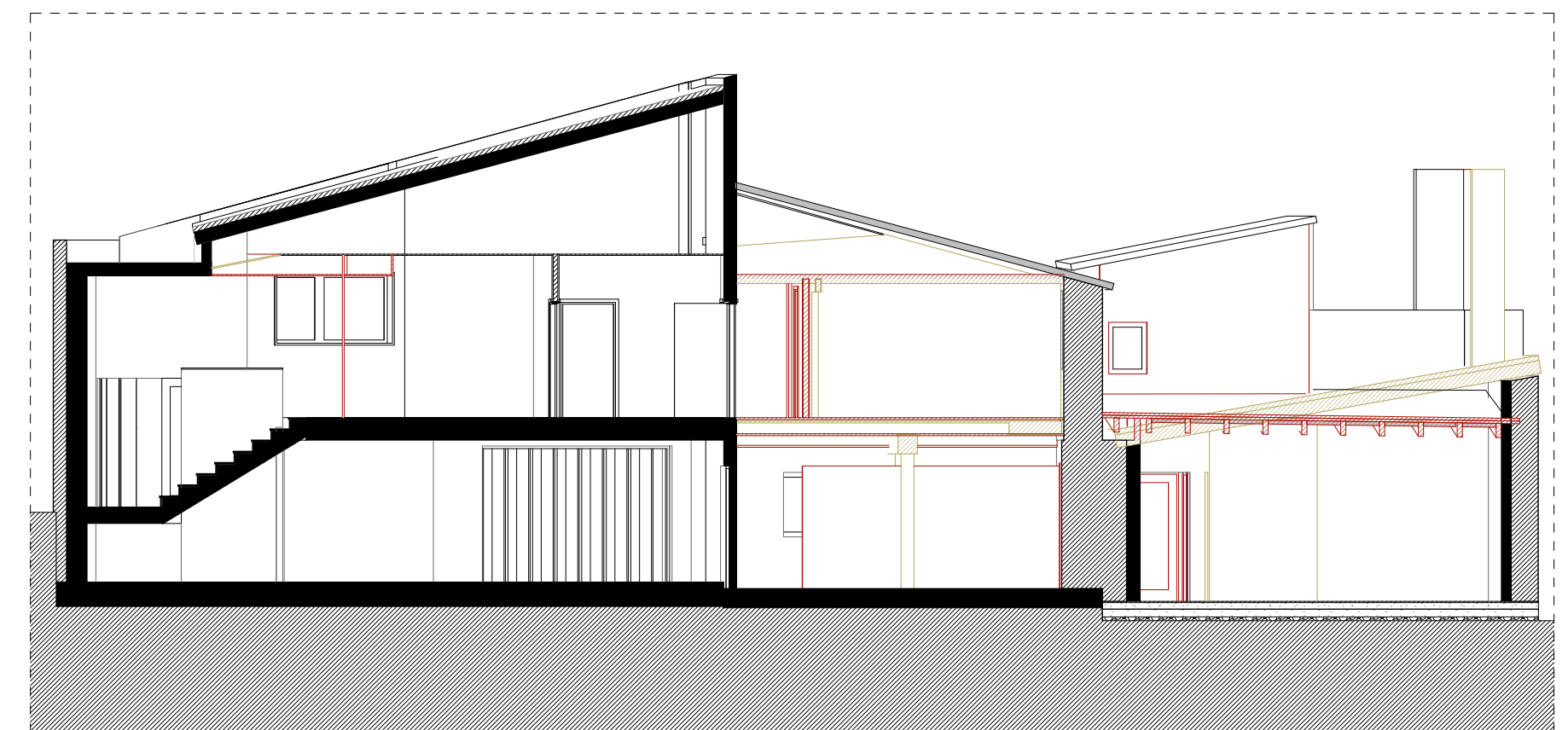
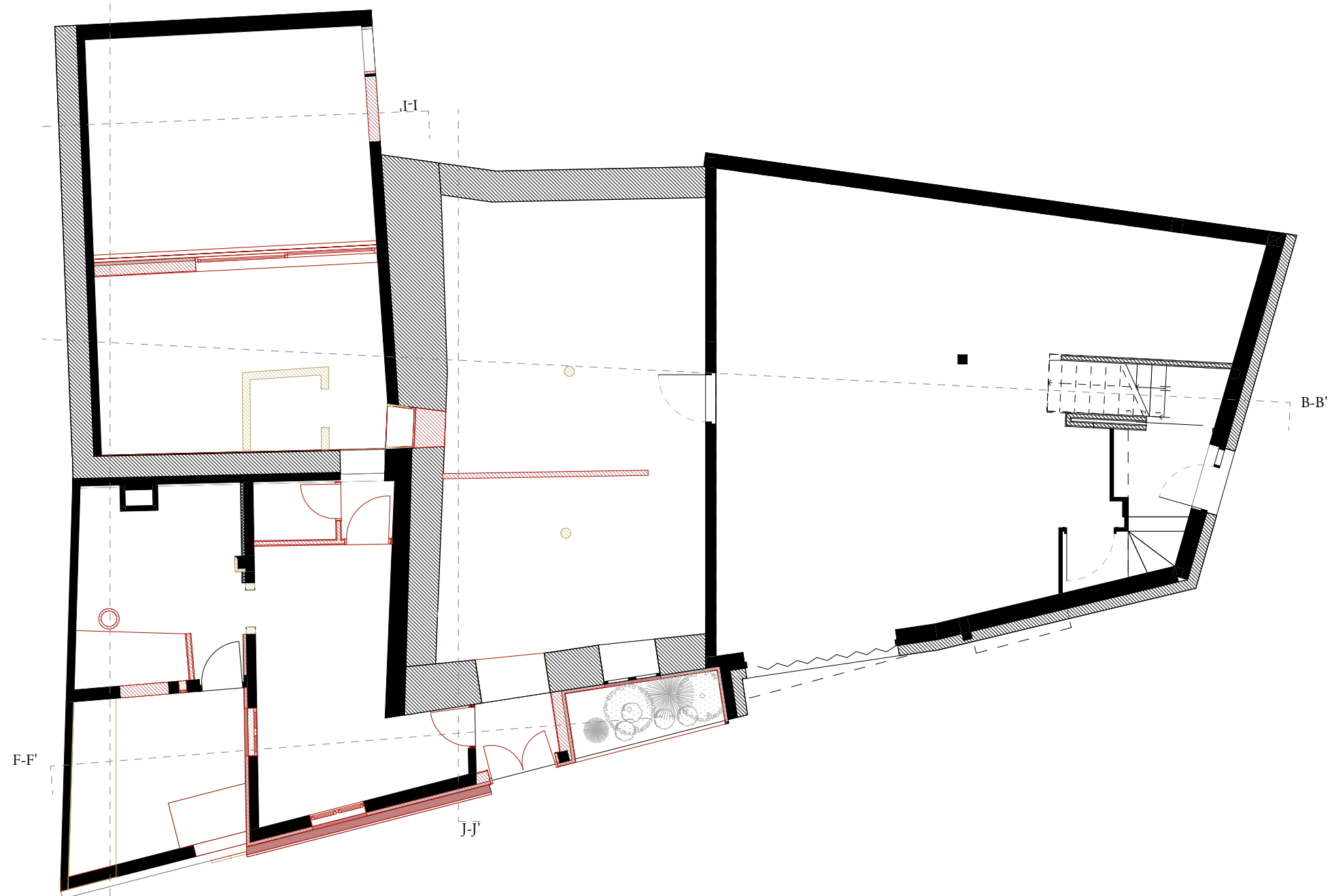
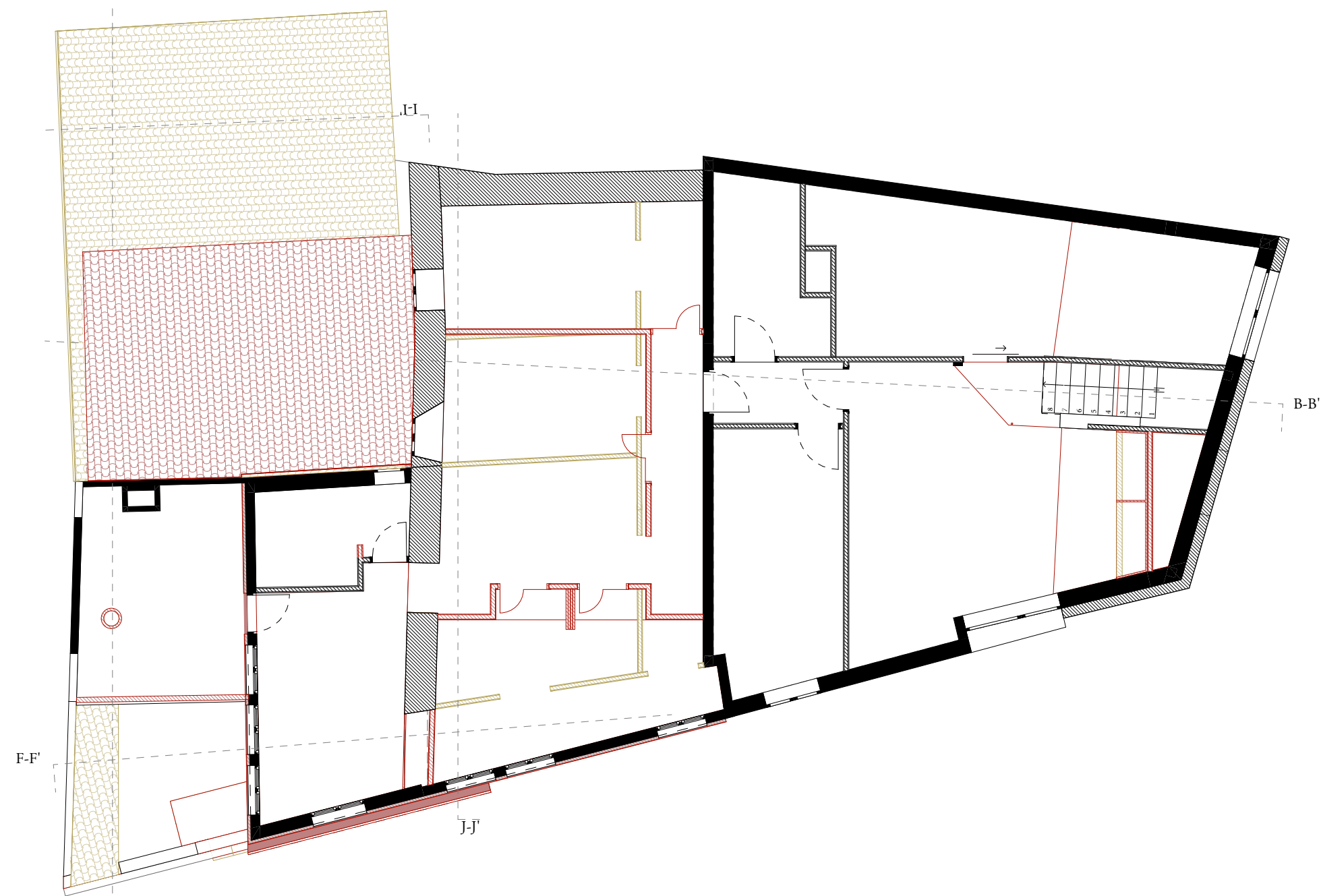
Usou-se a adega como o espaço mediador destas duas divisões. Um lado dará apoio à agricultura, mantendo todas funções já desempenhadas - espaço de armazenamento das alfaías maiores usadas sazonalmente, espaço de confeção e armazenamento do vinho, bem como demais produtos cultivados. Os objetos de memória que estão guardados actualmente, subirão para o primeiro andar, onde poderão ser guardados num espaço mais condigno. O outro lado da adega apoiará nas tarefas domésticas da casa, continuando a servir como espaço de lavandaria, mas desta vez mais arejado e com um espaço especificamente destinado para o tratamento das roupas. Este espaço servirá também para armazenamento de produtos confeccionados na cozinha de serviço: desde os queijos, as compotas, a salgadeira do presunto, e demais produtos. Deste modo o que se pretende com esta primeira parte da intervenção no piso rés-do-chão é uma reorganização mantendo as funções. Não haverá alteração substancial na garagem mas, na adega com a substituição do soalho e vigamento do primeiro andar, os pilares que sustentavam a laje antiga serão eliminados, resultando num espaço mais amplo. Para garantir esta diferenciação de zonas, propõe-se a construção de uma parede, ou de um sistema de separação entre uma e outra, além da alteração dos acessos. O acesso pela garagem será mantido de modo a relacioná-los com a zona de agricultura e com a que está destinada às tarefas domésticas que terá ligação direta com a cozinha de baixo. Esta ocupará o lugar que anteriormente estava destinado para o espaço “híbrido”, sem função, da “sala de baixo”. Para ter mais luz solar, será aberta uma janela na fachada sul. A nova “cozinha de baixo”, mantém os acessos aos espaços da antiga e ao espaço de convívio maior - o forno. O primeiro será transformado num espaço de fumeiro composto pela lareira pré-existente e pelo forno transferido do outro espaço, encerrando-se a janela a nascente. A porta será mantida para que possa ventilar, quando necessário e garantir o acesso ao quintal. Por sua vez, este espaço - que actualmente tem um acesso directo para rua - será encerrado. Isto é, as escadas que ligam as duas cotas, a do quintal e a da rua - serão eliminadas, dando assim mais área de serviço exterior. O segundo espaço acedido através da nova cozinha será o de convívio, que além deste acesso, manterá também o existente para o exterior no lado poente, sendo eliminado, tal como já referido, o que o conectava à adega. Desta forma eliminou-se o conflito dos fumos que causavam incómodo na utilização deste espaço, estando assim livre para a sua utilização plena. No decorrer do desenho deu-se conta que, estando este maioritariamente dedicado aos convívios ocasionais a área coberta existente seria excessiva. Propõe-se assim que o espaço interior seja reduzido, dando lugar a um novo pátio. Por sua vez, este dará a possibilidade de estender os convívios para o exterior, ao mesmo tempo, tal como o interior, poderá apoiar algumas tarefas que necessitem de mais espaço descoberto como secar frutos, estender lonas entre outros.

No primeiro andar, pretende-se resolver algumas indefinições nos espaços de estar, resultantes na maior parte das vezes de problemas que tem que ver com as circulações. A intervenção de maiores dimensões, focará principalmente a zona íntima dos quartos e do espaço da “varanda”, mas serão igualmente realizadas algumas intervenções na zona “de dia”.

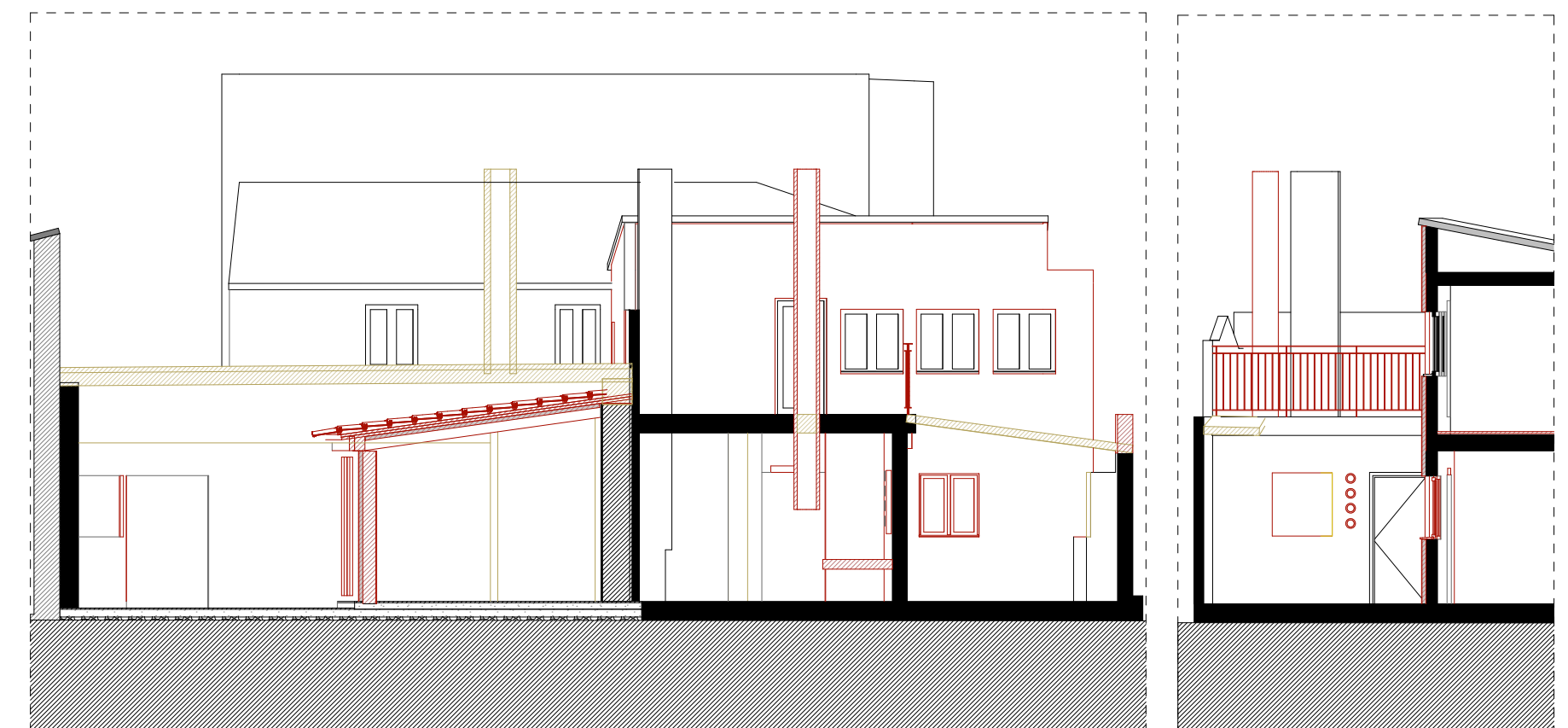
Na cozinha de cima, o problema centra-se no conflito entre as três diferentes zonas - cozinhar, comer e estar - quando o número de habitantes ocupa toda a casa. Ao mesmo tempo, o espaço da sala, adjacente à cozinha, não é usado com a frequência desejada. De modo a equilibrar um espaço e outro, propõe-se uma reorganização das mobílias da sala, para que este espaço possa garantir uma zona de comer e estar de maiores dimensões e conforto. Além da reorganização das mobílias, será embutido na parede um armário para que assim a zona de estar consiga albergar maior número de pessoas. Desta forma, a cozinha será aliviada do congestionamento habitual, principalmente no inverno, podendo ser usada na mesma quando o número de habitantes da casa é mais reduzido. Em termos construtivos, está só prevista a abertura de um vão na parede norte da sala, bem como uma ligeira alteração dos tectos falsos para que estes conformem um espaço de chegada e o diferenciem da zona de estar e de comer.

Na instalação sanitária e no quarto voltado a nascente não será necessário intervir, mas tal como referido, a zona dos três quartos e da varanda será aquela mais intervencionada. Devido aos problemas detectados, relacionados com o “bicho” nas madeiras, estas serão substituídas na totalidade. Assim o soalho e o vigamento que o sustenta, bem como as paredes de tabique serão demolidas. Desta forma, propõe-se uma reordenação das paredes dos quartos alterando a sua morfologia. Manter-se-ão em número - três quartos - mas as suas áreas internas serão aumentadas. Dois deles terão as mesmas aberturas voltadas a sul e o outro ocupará o lugar que pertencia à circulação de acesso da varanda voltado a nascente. Este terá ainda a característica de poder ser dividido ao meio conformando assim, não apenas um quarto mas sim dois, de modo a dar dormida aos convidados que actualmente ocupariam a “sala de baixo”. Ocupando este quarto a actual ligação à “varanda”, esta passa para o interior da casa. Isto é, o corredor que liga estes três quartos, dobra e passa a ligar também a varanda. Desta forma garante-se uma definição maior no espaço da varanda concentrando as circulações todas num só lado.

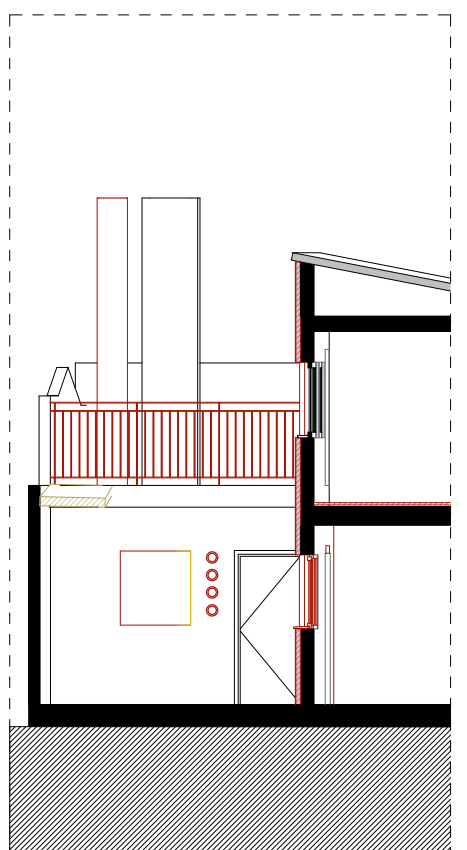
Construtivamente optou-se por manter os espaços destinados ao vigamento demolido, sendo estes ocupados por um novo e duplo vigamento de secção 220 x 80mm, mantendo-se assim a cota actual. Só na zona do quarto novo - a nascente - e na varanda é que haverá uma diferença de cota de 18 centímetros, abaixo da restante, pois se assumíssemos a mesma dos dois outros quartos, o parapeito das janelas existentes a nascente e sul ficaram a uma altura demasiado baixa. Optou-se por construir as paredes novas em madeira com placas de osb pintadas de branco.



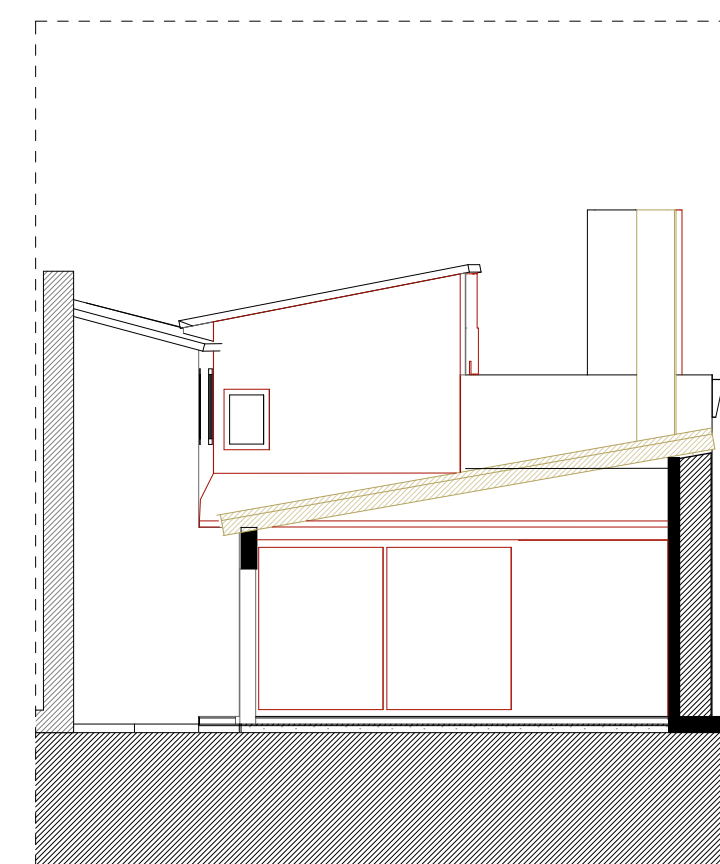
1:100 Corte B - B'



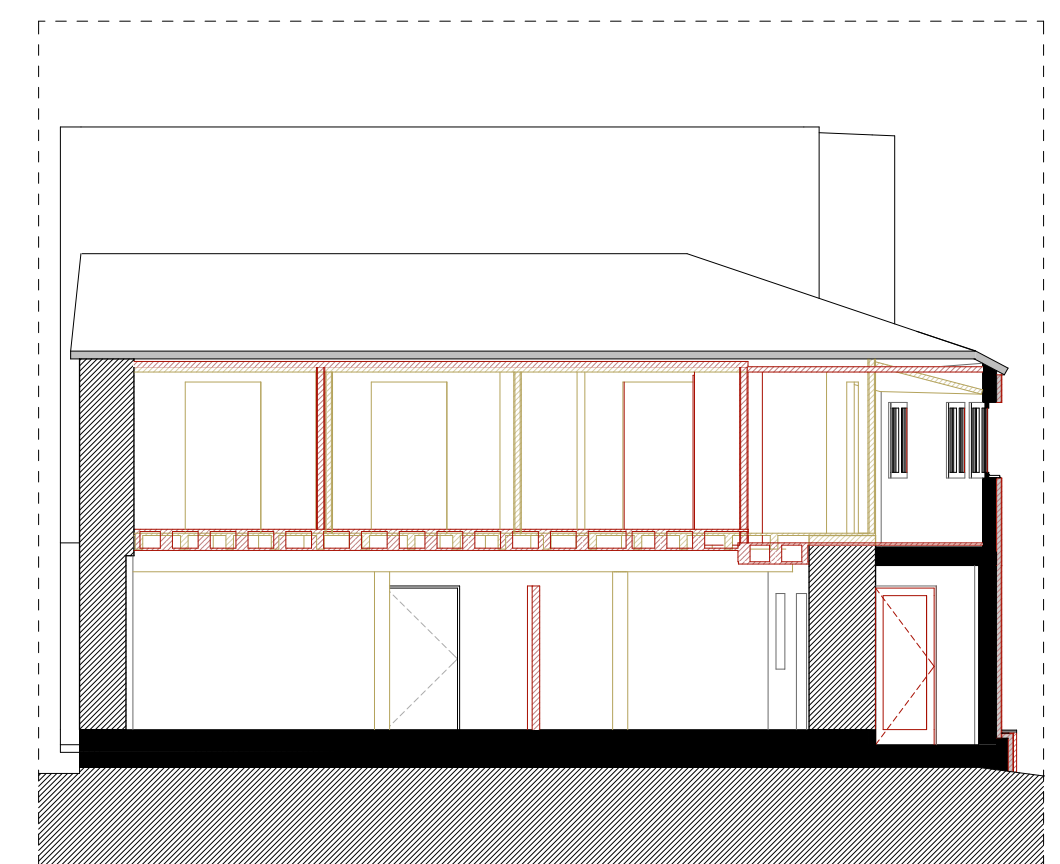
1:100 Corte D - D'



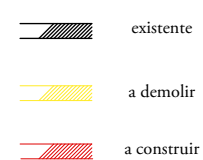
1:100 Corte F - F'

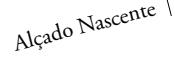
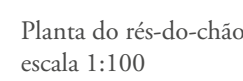
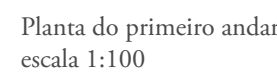


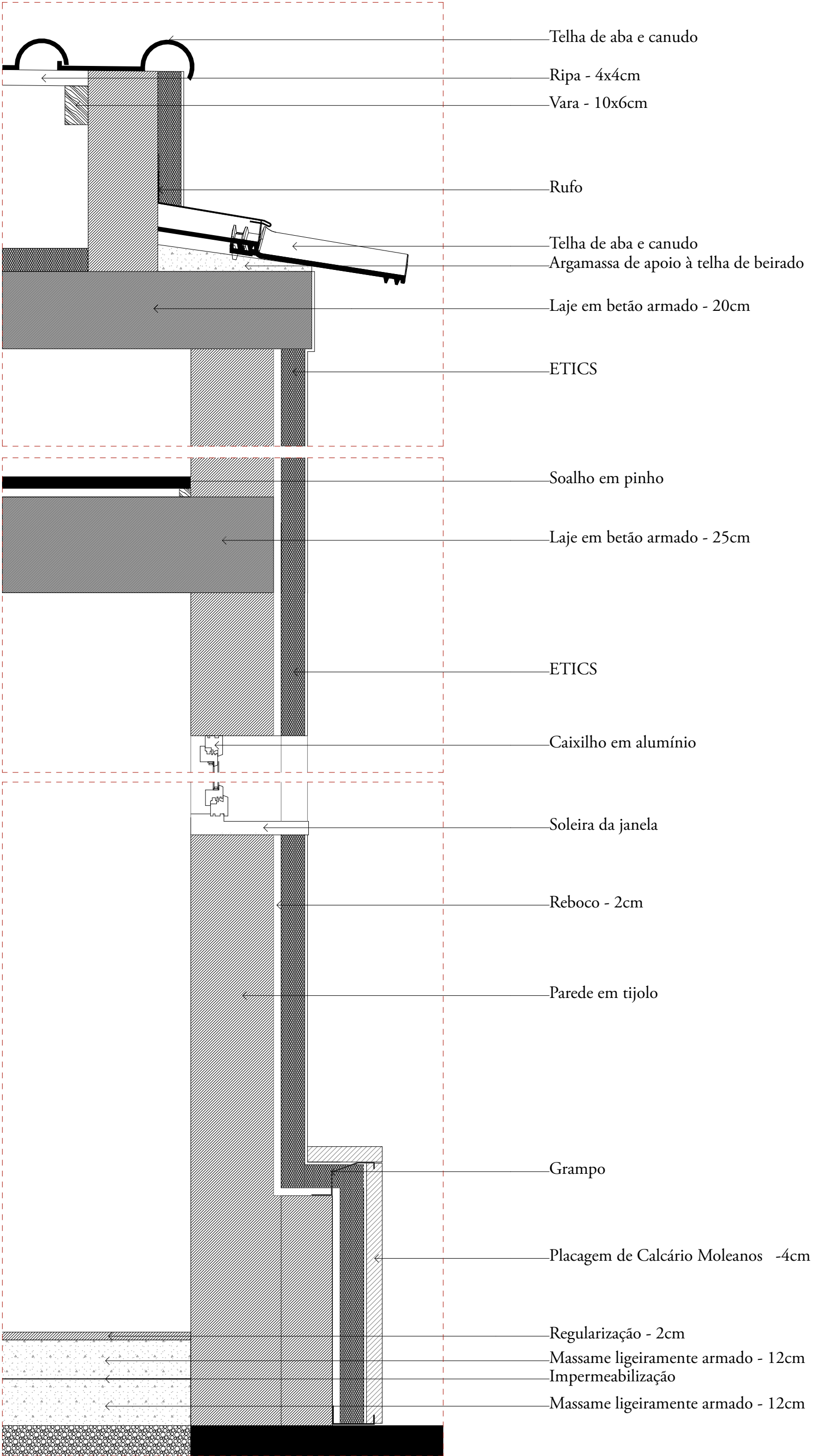
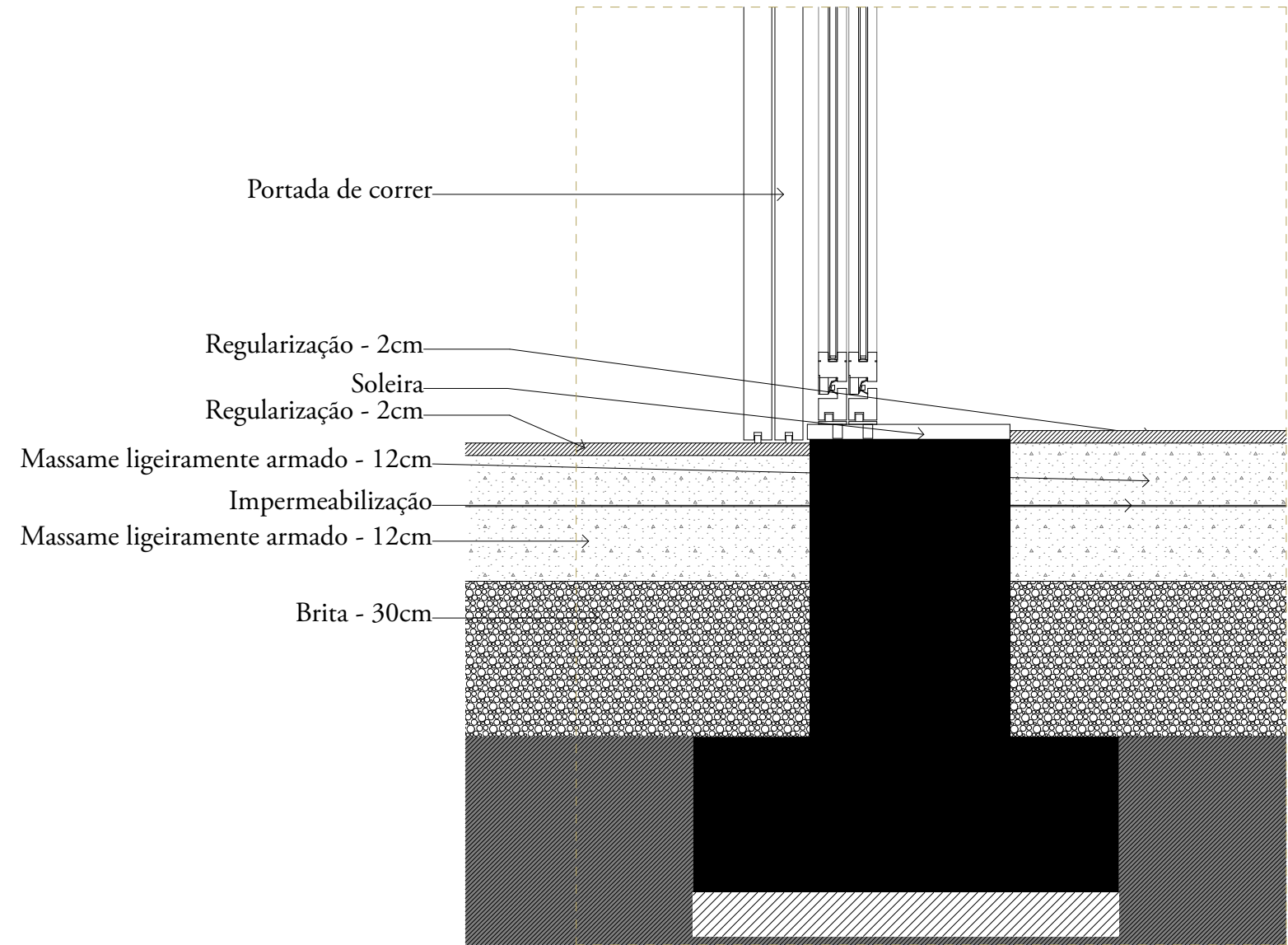
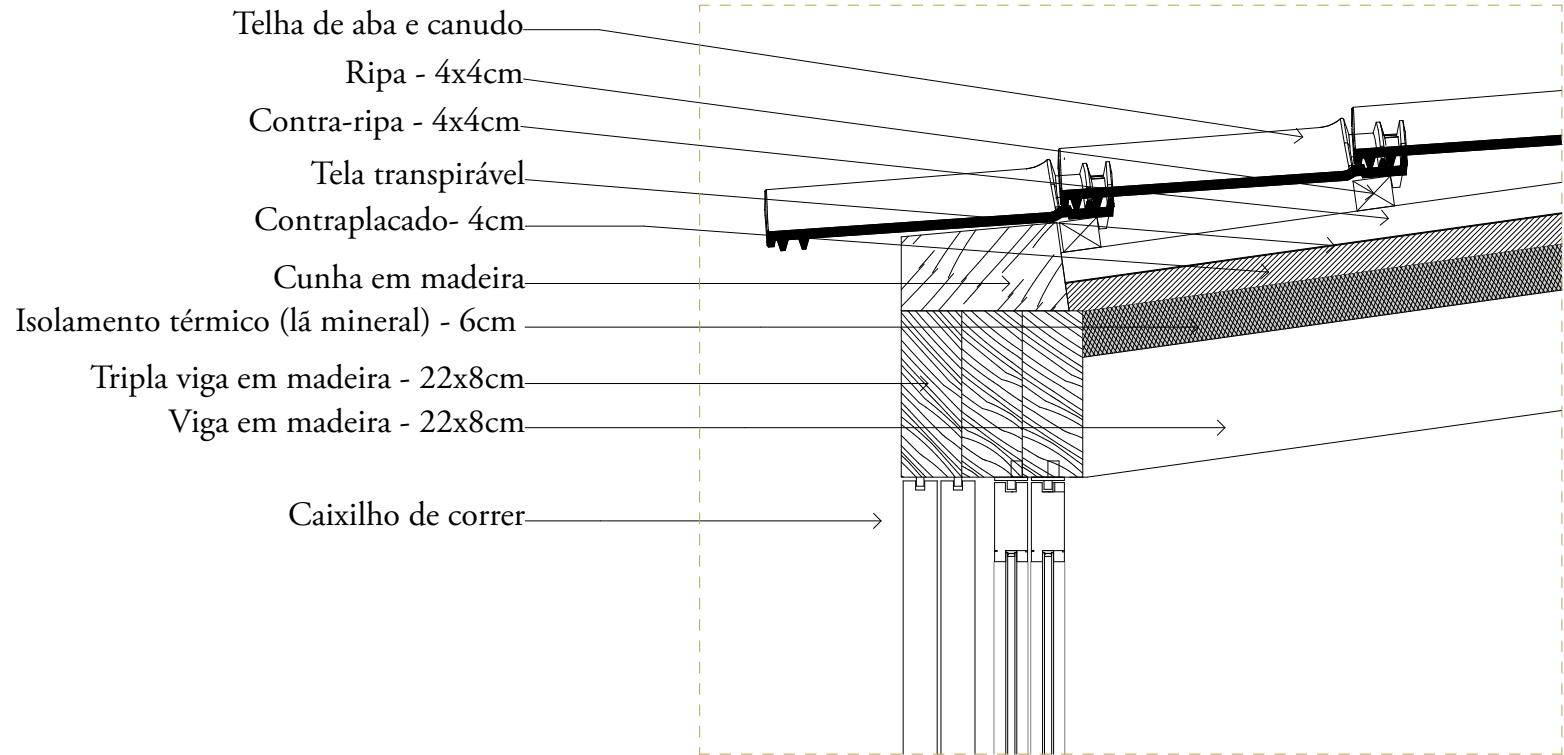
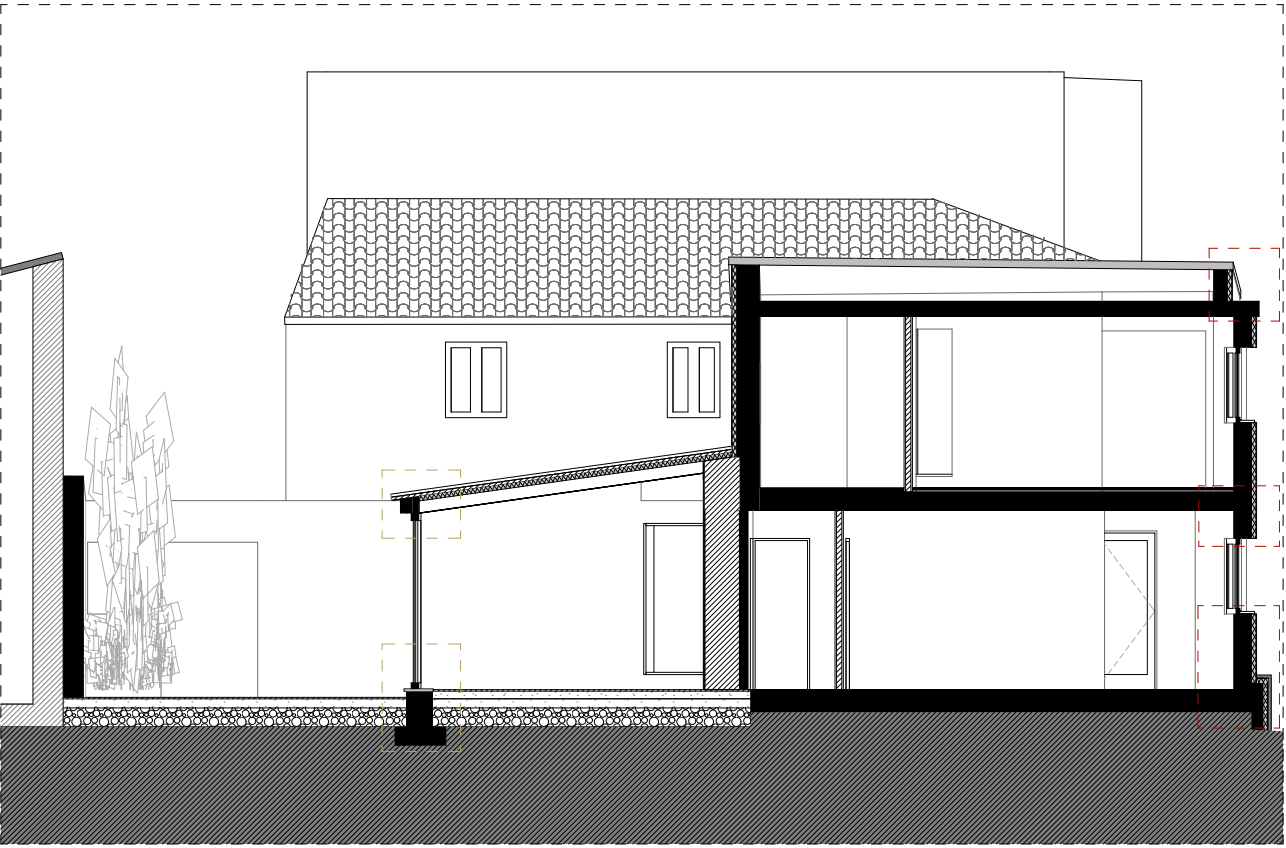
1:100 Corte I - I'



1:100 Corte J - J'







Bibliografia

Associação, dos Arquitectos Portugueses. 1980. *Arquitectura Popular em Portugal*. 2a ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses.

Capitel, Antón. 2009. *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*. 2a edición revisada y ampliada. Madrid: Alianza.

Costa, P. Antonio Carvalho da. 1706. *Corografia Portugueza e descripçam topográfica*. Lisboa.

Domingues, Álvaro. 2009. "Paisagem e identidade: à Beira de Um Ataque de Nervos". *Em Duas Linhas*. Porto: Circo de ideias.

Lacaton, Anne, e Jean-Philippe Vassal. 2017. *Anne Lacaton Jean-Philippe Vassal Actitud*. 1a. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Oliveira, Ernesto Veiga de, e Fernando Galhano. 1992. *Arquitectura tradicional portuguesa*. 1a ed. Portugal de Perto 24. Lisboa: Dom Quixote.

Pinho Leal, Augusto. 1878. *Portugal antigo e moderno*. Vol. 8. 12 vols. Lisboa: MattosMoreira & Companhia.

Portas, Nuno. 1969. *A cidade como arquitectura*. 3a. Lisboa: Livros Horizonte.

Siza Vieira, Álvaro, e Carlos Campos Morais. 2019. *01 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

Távora, Fernando. 1962. *Da organização do espaço*. Porto: Sousa & Almeida.

Vilares, João Baptista. 1926. *Monografia do concelho de Alfândega da Fé*. Porto: Companhia Portuguesa.

Watanabe, José. 2008. *Poesía completa*. Valencia: Pretextos.

‘Notas de fim’

- 1 Capitel 2009, p. 13
- 2 “A casa é o eu de cada um (...)A casa é eu e nós, conforme se queira.” - (Siza Vieira e Morais 2019, p.244)
- 3 Távora 1962, p. 74
- 4 Associação 1980, p.
- 5 (Costa 1706, p.459)
- 6 Vilares 1926
- 7 O comércio desta freguesia faz-se pela estação de Grijó que lhe fica a apenas 12 km de distância...” (Vilares 1926, p. 236)
- 8 A viagem de Lisboa a Bragança em 1810 demorava cerca de 4 dias. Em 1950 eram cerca de 12h, e nos finais dos anos 80 eram “nove horas de distância”. Actualmente uma viagem Bragança-Lisboa dura apenas 4 a 5 horas. As ligações ao Porto também foram sendo encurtadas no tempo/distância. Na década de 1960 as viagens penosas que atravessavam várias serras, com curvas e contracurvas demoravam 6 a 8 horas aproximadamente, 30 anos depois a média de horas passava para 4 e desde 2016 com a construção do túnel do Marão, como acima referido esta foi encurtada para metade.
- 9 Domingues 2009, p.21-22
- 10 Costa 1706, p.459
- 11 (Vilares 1926, p.221
- 12 Pinho Leal 1878, p.376
- 13 A aglomeração parece por um lado relacionar-se com a exploração extensiva de cereais em terras secas e em campos abertos e afolhados, e por outro com a pastorícia de gado miúdo em grande escala (...)” (Oliveira e Galhano 1992, p.310
- 14 Vilares 1926, p.223
- 15 Actual nome do bairro.
- 16 Censos 2021 - resultados provisórios https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xlang=pt&xpgid=censos21_dados&xpid=CENSOS21
- 17 “Mi casa” - José Watanabe - 2008
- 18 Capitel 2009, p.64
- 19 Por original entende-se aquela da qual se tem a mínima informação.
- 20 (Oliveira e Galhano 1992, p.313
- 21 “a sala, quando existe, tem também sobretudo natureza cerimonial.” referindo-se às casa nas Beiras, mas como também se referem os autores, estas no seu interior “pouco se distinguem daquelas que descrevemos, próprias das outras regiões nortenhas” (Oliveira e Galhano 1992, p. 352)
- 22 Actitud Lacaton p. 94
- 23 Isto é, na elaboração da entrevista questionava-se o inquirido sobre quanto tempo passavam em determinada divisão da casa, fazendo-se a distinção entre o Inverno e o Verão. Estes respondiam numa escala de um a três, em que um correspondia a “poucas vezes”, dois “algumas vezes” e três “muitas vezes”. Posteriormente, foi calculada a média do índice de utilização para cada espaço.
- 24 Oliveira e Galhano 1992, p.338
- 25 Um xilófago é um inseto que se alimenta de madeira. Os cupins, as vespas e algumas espécies de besouro são exemplos de animais xilófagos
- 26 Portas 2007, p.23
- 27 Távora, 1962, p.55
- 28 Anne Lacaton in Conferência Harvard - Lacaton & Vassal - “Freedom of use”
- 29 Obligados, pues, a desconfiar de nuestra propia sensibilidad y, paradójicamente, a obtener fruto de ella, sería preciso aprender con eficacia que entre el mimetismo historicista o el clasicismo de manual, y el collage moderno, hay todavía un ancho campo que explorar. Un campo diverso, no constreñido a posiciones únicas, en el que el necesario nuevo diseño sea capaz de interpretar el eco de lo antiguo, la simpatía del monumento, y buscar así la solución en una armonía analógica que, evitando los equívocos históricos, no se sienta necesitado de exhibir artificiosas diferencias ni distancias mentales, sino que busque, más bien, una trabazón lógica, rigurosa y bella con lo antiguo. La necesaria y arqueológica diferencia se establecerá por sí sola en la propia búsqueda de la armonía con una historia en todo caso imposible de repetir.
- 30 Portas 1969, 2007, p.16-17